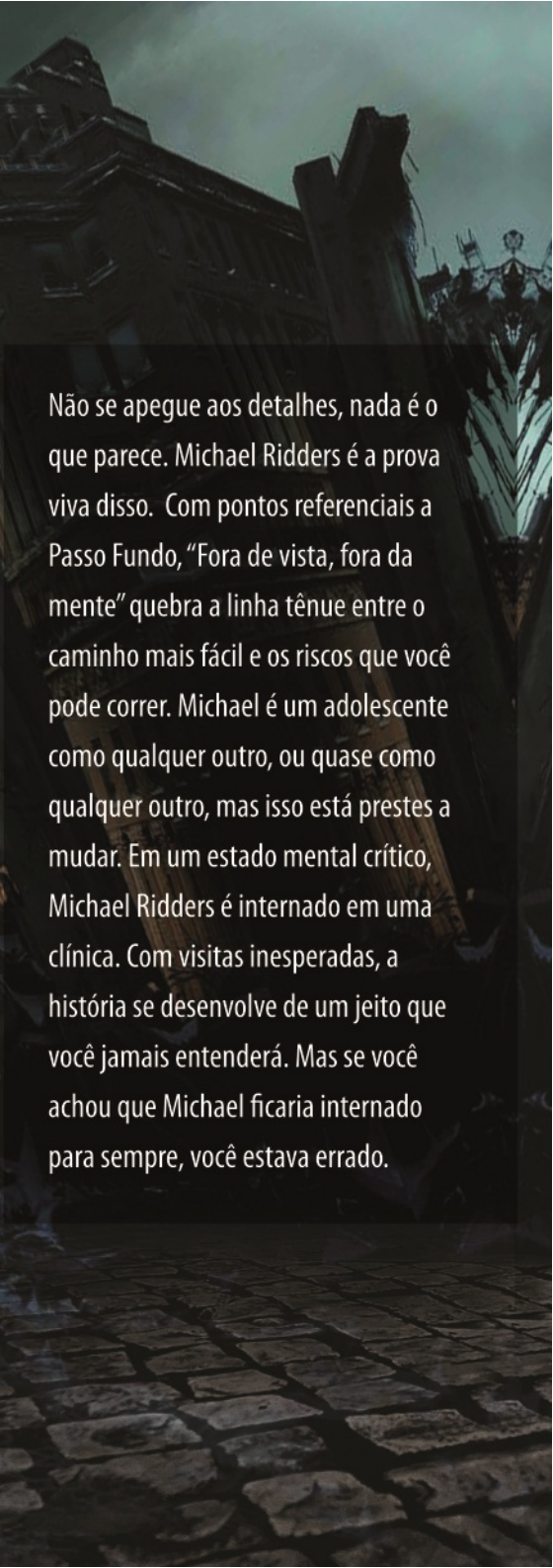


FORA DE VISTA FORA DA MENTE

MARCELO LIMA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Não se apegue aos detalhes, nada é o que parece. Michael Ridders é a prova viva disso. Com pontos referenciais a Passo Fundo, “Fora de vista, fora da mente” quebra a linha tênue entre o caminho mais fácil e os riscos que você pode correr. Michael é um adolescente como qualquer outro, ou quase como qualquer outro, mas isso está prestes a mudar. Em um estado mental crítico, Michael Ridders é internado em uma clínica. Com visitas inesperadas, a história se desenvolve de um jeito que você jamais entenderá. Mas se você achou que Michael ficaria internado para sempre, você estava errado.

FORA DE VISTA, FORA DE MENTE



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Marcelo Lima

FORA DE VISTA, FORA DE MENTE



Passo Fundo
2013

© 2013 Todos os direitos reservados ao Autor.

Projeto Passo Fundo

Página na internet: <www.projetopassofundo.com.br>

e-mail para contato: <projetopassofundo@gmail.com>

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo desta obra NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilha 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

<creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR> ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 19/09/2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732f Lima, Marcelo

Fora de vista, fora da mente / Marcelo Lima. –

Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-032-5

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Narrativa. 3. Memórias.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
A carta nunca entregue.....	9
Introduzindo	11
Capítulo 1: Colapso.....	13
Capítulo 2: Olhos abertos.....	21
Capítulo 3: Equilibrando.....	29
Capítulo 4: Velhos hábitos.....	37
Capítulo 5: O sol também se levanta	51
Capítulo 6: Tempos bons.....	61
Capítulo 7: Boas? Vindas.....	73
Capítulo 8: Começar de novo.....	81
Capítulo 9: O aniversário	91
Capítulo 10: O roubo.....	97

APRESENTAÇÃO

Apertem os cintos, pois Fora de vista, fora de mente vai te levar à outro lugar. Dizem que o amor pode matar. Michael provou que não. Internado em uma clínica, Michael Ridders precisa tomar decisões difíceis e se acostumar com o que acontece à sua volta. Com o apoio de algumas, repito, algumas pessoas, Michael tenta passar por tempos difíceis.

Quando uma série de acontecimentos interferem na recuperação de Michael, as coisas começam a ficar mais intensas e, de certa forma, sombrias. O destino de Michael é uma incógnita.

Tem apenas um tanto que você consegue aguentar, a questão é: Quanto? Como você consegue continuar quando as piores coisas estão acontecendo em volta de você? O que você precisa mudar para sobreviver? Quem você precisa se tornar?

E isso é apenas o começo.

Fora de vista, fora da mente

A primeira obra já publicada de Marcelo Lima.



A CARTA NUNCA ENTREGUE

Para as pessoas que eu amo, peço desculpas. Nunca foi minha intenção fugir, nunca foi minha intenção deixar todos para trás. Desculpem-me se eu me tornei isso, mas a verdade é que... Vocês não me conhecem mais. E para as pessoas que ficaram esperando pela minha queda... Vocês vão ter que esperar mais. Se pensam que este é o meu fim, vocês não tem ideia com quem estão lidando. Esse é apenas o começo do fim.

Introduzindo

Primeiramente, essa não é uma história baseada em ficção, e também não é uma história com um final feliz. No meu ponto de vista, o ser humano está acostumado com as histórias que, de certa forma fogem da realidade, fogem do contexto principal, histórias caóticas, mas que sempre levam a um final feliz, e não é só sobre isso que se trata a escrita em si. Você tem que se conectar com o personagem, de certa forma, se identificar, buscar ajuda, um conforto. E talvez seja isso que essa história passe.

Quando você para pra pensar na sua vida, você percebe duas coisas: Você percebe o quão fora de controle tudo está e que você precisa ajeitar tudo. A questão é: Como?

As vezes é preciso medidas que nem todos teriam coragem de tomar, as vezes é preciso radicalizar tudo, dar um passo grande, eu digo, se você está realmente disposto a corrigir, a melhorar, você tem que abrir mão de algumas coisas. É o que eu fiz (farei)... Não sei se devo escrever no presente ou no futuro, levando em conta de que essa história será escrita em tempo real. “Mas como assim em tempo real?” Às vezes, as pessoas só imaginam. Tanto o escritor, como quem está lendo. E acho que posso ir mais profundo que isso, acho que posso, de certa forma, revolucionar alguma coisa, revolucionar a mim mesmo. Já mencionei acima, minha história não vai ter um final feliz. E ela será contada direta da fonte.

Meu nome? Se eu te contasse, teria que lhe matar! E a minha história? Bem... Minha história começa agora. Se você esperou por tempos sombrios, aqui estão.



Não posso dar uma típica introdução clichê em forma de sinopse, por que nem eu mesmo sei o rumo que a história vai tomar como eu disse, ela será escrito em tempo real. Uma espécie de diário pessoal, como se fosse relatar uma aventura. Só faça a breve edição, substitua “aventura” por “tragédia”.

E é por isso que eu acredito que realmente consigo mudar alguma coisa, fazer alguma coisa diferente, crescer! As pessoas conhecem por fora, imaginam, visualizam, pesquisam, mas nunca se entregam totalmente. Uma coisa é você escrever visualizando a história, outra coisa é você contar exatamente como as coisas aconteceram.

Eu nunca realmente pensei em como seria partir. Mas partir para evitar alguma catástrofe parece uma boa maneira de partir. Fugir. É, é o termo correto.

Quando você continua empurrando a si mesmo para o fundo porque simplesmente não consegue mais se reerguer, você começa a pensar sobre os prós e os contras da sua vida. O lado positivo e o negativo de cada coisa. E a única coisa que você enxerga são os contras e os negativos. Eu me pergunto, por quê? Por que tentar se reerguer? Como você consegue continuar indo quando a pior coisa está acontecendo? Não existe lógica, simplesmente não existe.

Eu quis parar. Eu estava cansado de pensar. Eu estava cansado das pessoas me fazendo pensar, eu estava cansado de mim mesmo. E foi aí que eu percebi que era o fim. Mas não era.

Você acha que consegue aguentar? As coisas irão ficar caóticas de agora em diante. Siga em frente se for capaz.

CAPÍTULO 1: COLAPSO

De alguma forma a história tem que começar. Vamos começar do jeito mais fácil, devemos? Apenas começando. Vai ser meio monótono no começo, no meio, vai ser monótono em várias partes, mas o que é uma história sem os seus lados positivos e negativos, não é mesmo?

Então, vejamos... Estou em meu quarto, como de costume. É uma escuridão confortável, uma escuridão que faz eu me sentir seguro. De certa forma, não sei explicar, pelo fato de que o certo seria você sentir medo da escuridão, certo? E não fazer dela um porto seguro... Uma casa. Soa doentio, mas talvez seja isso que eu seja. Doente.

É uma espécie de fardo que eu provavelmente vou carregar por um longo tempo comigo mesmo, algo que mesmo psicologicamente curado, ainda viva dentro de mim, algo que pode se libertar, a qualquer momento. Uma espécie de demônio interior, como se fosse uma parte dentro de ti que você não tenha absoluto controle. É como se você tivesse todas as peças do quebra-cabeça, mas não encontra maneira de por tudo junto, ou num labirinto onde não encontra a saída. Fora da frigideira, dentro do inferno.

Não faço ideia de que horas sejam, sinto como se fosse hora de ao menos sair da cama. Então, eu encaro cada uma das 4 paredes do meu quarto e penso sobre esperança. Um vago pensamento, sobre se ainda existe alguma ponta de esperança. A resposta é não. Esperança trás miséria eterna.

Que casa gelada... - Pensei comigo mesmo em voz alta. Que lugar vazio, é como se ninguém habitasse os cômodos desse lugar, ironicamente propício para se chamar de casa.



Eu andei em círculos por exatos 50 minutos, de cômodo em cômodo. Não havia ninguém em casa, o que tornou a situação um pouco mais confortável. Eu olhei para o relógio, tentando calcular mentalmente quanto tempo eu havia perdido. Olhei para o calendário também, vi que alguns dias tinham se passado sem que eu nem ao menos percebesse. Como se alguma coisa tivesse sido percebida por mim nos últimos... No último mês. – Pensei, com um sorriso mal expressado.

Eu ouvi a porta se abrir, antes que eu conseguisse tempo o suficiente para subir ao meu quarto, minha mãe já havia entrado.

Olha quem resolveu sair do quarto... – Disse ela, carregando algumas sacolas de supermercado, atrapalhada.

Engraçada. – Respondi, revirando os olhos.

Foi bom eu ter te visto, caso contrário teria esquecido. Esbarrei com algumas amigas suas hoje, elas me disseram que sentem a sua falta. – Falou minha mãe.

Eu estou em casa... Não estou em outra cidade, ou em outro país. Não é como se eu estivesse longe. – Falei.

Eu sei, meu filho. E é por isso que eu as convidei para virem aqui amanhã. – Disse ela.

Qual é o seu problema? Qual a parte do não estou em condições de algum contato exterior você não entendeu? Será que é tão difícil assim pra você entender e respeitar meu espaço? – Respondi, o tom da minha voz estava de certa forma, alterado.

Você precisa entender que uma hora isso vai ter que acabar. Uma hora você vai ter que seguir com a sua vida. Antes que... – Falava ela.

Antes que o quê? Antes que isso acabe comigo? Notícia do dia, mãe, já foi feito. Viva com isso. – Respondi, agora virando as costas e subindo as escadas.

Eu bati a porta do meu quarto e deitei. Por horas, eu não saí dali. E minha mãe não veio atrás, o que foi surpreendente, levando em conta o seu histórico. Seria isso? Ela realmente desistiu? Não que eu me importava, mas era interessante... Logo, me vi preso. Preso em alguns pensamentos, preso em uma tempestade. Tentei entender com que razões minha mãe chamou minhas amigas para vir me ver, e só consegui

pensar em uma. Foi um tiro no escuro, um ato de desespero. Ou ela tem uma carta na manga. E então, depois de muito pensar, eu dormi.

Acorda filho. Suas amigas estão aqui. – Disse minha mãe, entrando no meu quarto.

Quê? Que horas são? É cedo da manhã ainda, você é louca? – Respondi, ainda dormindo.

São 15:00 da tarde... – Disse ela, confusa.

Ah. Bom, faça-as esperarem, ou se preferirem, que vão embora. – Assenti.

Elas vão esperar. Vá tomar um banho. Vou preparar algo para vocês lá em baixo. – Disse ela, descendo as escadas.

Que seja... Pensei comigo mesmo.

Passaram-se 30 minutos, e então eu resolvi que era hora de descer. Na beirada das escadas, pude-as ouvir conversando.

Como vocês acham que ele estará? – Dizia uma voz, que aparentava ser de Cornelia.

Com arranhões no rosto. – Respondeu Joan.

Como assim? – Perguntou Cornelia, confusa.

Ele está praticamente em quarentena, por escolha dele, vocês não acham que ele deve estar todo destruído? – Falou Joan.

Eu não acho... Mas enfim, cuidado com as palavras, não vamos falar nada que o deixe pior do que ele já está. – Falou Anne.

Todas se viraram e olharam para a escada. Eu estava lá, parado, com um olhar de indiferença.

Como você está? Nós sentimos a sua falta. – Falou Jenny

Estou bem. – Respondi.

O que aconteceu? – Perguntou Anne.

Nada que vocês precisem se preocupar. – Respondi novamente.

Não! Você tem a obrigação de nos falar o que aconteceu. – Disse Joan, num tom elevado de voz.

Vocês não entenderiam... – Falei.

E por quê não? Você não tem o domínio da dor, Michael, todo mundo tem a sua cota! Você não pode se fechar de nós assim tão fácil. – Disse Joan.

Suas amigas não vão sentar aqui e te assistir... – Falava Jenny, quando a interrompi.

Me assistir o quê? Me assistir não ser mais eu? Por que claramente isso não está mais funcionando para mim. Então, superem-se e aprendam a conviver com isso, esse sou eu. – Falei, subindo as escadas novamente e as deixando ali.

Eu cheguei num ponto onde nada mais importava. Onde ninguém mais importava. Quem eu havia me tornado? Eu estava amortecido a qualquer coisa que pudesse acontecer a mim ou alguém próximo de mim. Era como se nada mais existisse, e eu fosse a pessoa mais vazia do mundo. Eu era a pessoa mais vazia do mundo. Eu me tornei isso. Irônico quando se pensa em voz alta, ou coloca em palavras.

(...) Amanheceu. Sinto que hoje eu devia ir a escola. Não que fosse realmente necessário, só que perder a cabeça no mesmo lugar não está ajudando. Olhar para a mesma porta não está ajudando. Então, eu levantei da cama, e senti a coisa mais estranha que eu já havia sentido. Era uma mistura de enjoo com tontura, e como se minhas pernas estivessem se quebrando ao meio, era como algo interior me alertando, que, no momento em que eu saísse casa, tudo desabaria, igual as minhas pernas. Mas eu continuei.

Minha aparência física estava destruída. Olheiras profundas, pávido, e uma espécie de pseudo barba. E era assim que eu iria sair de casa.

Cheguei na escola, atrasado. Todos já estavam dentro das salas de aula, o que foi nada propício o a situação, levando em conta que seria mais fácil eu entrar antes que todos e pouparia muita coisa. Bati na porta, na esperança de que ninguém ouvisse e que eu pudesse ir para casa.

Michael... Entre. – Disse a professora, que quando me viu, ficou totalmente surpresa.

Todos me olhavam. Todos estavam conversando entre si. Andei depressa até a minha classe, que ironicamente era do outro lado da sala, o que me fez passar por quase todo mundo. Era como se eu tivesse ressurgido dos mortos. Todos estavam falando sobre isso.

Michael, o que você está fazendo aqui? Todo mundo achou que você estava, sei lá, morto! Ninguém ouviu de você durante dias, e você volta do nada? – Disse Lara. Lara era uma amiga.

Eu pareço morto para você? – Respondi.

Os interfonos da escola começaram a ecoar um barulho, o barulho que significava que a diretora estava tentando conectar o sinal para transmitir algum recado. Atenção, o aluno Michael Ridders da sala B, dirigir-se a diretoria o mais rápido possível. O recado se repetia, e novamente, todos me olhavam.

Eu levantei e fui até a porta. A escola era grande, o que me fazia ter que andar por alguns corredores até chegar ao setor da diretoria. O que ela queria comigo? Reclamar da minha falta de frequência?

Michalel... Por favor, sente-se. – Dizia a diretora, que me viu entrando pela porta da sala dela.

Então... – Completou. Sabemos que você não está passando por uma fase boa, e a escola unida para trabalhar para a sua melhora. Saiba que pode contar conosco.

Tudo bem... Foi por isso que eu fui chamado aqui? – Respondi, com um olhar de dúvida.

Recebemos uma ligação de uma mulher, que dizia ser a sua psicóloga. Ela informou que você não está em condições de qualquer contato com as pessoas, e que nenhum ambiente social seria propício à você nesse momento. Realmente não entendi, ela me informou que sua mãe ligou à ela, dizendo que você saiu para a escola. Acho que você devia ir para casa, Michael. – Disse ela.

Acho que foi um engano, Sra. Hoods, eu não tenho uma psicóloga. – Respondi.

Michael... Ela deu instruções específicas... – Dizia ela, quando a interrompi.

Acho que eu sei mais sobre a minha vida do que qualquer um, não é mesmo? Acho que eu saberia se tivesse uma psicóloga, Sra. Hoods. Posso voltar a aula agora? – Falei.

Pode, Michael. Desculpe pelo transtorno. – Disse ela.

Voltei a aula, e novamente, todos me encaravam. Mas isso não

me incomodou. As outras 3 aulas demoraram para passar, o que me fez realmente sentir arrependimento por ter ido a escola. No intervalo, minhas amigas vieram conversar comigo. Não conversar, mas sim colher informações. Esse é o termo certo, vieram descobrir o que aconteceu para repassar. Amigas...

Onde você estava? – Elas perguntaram.

Em casa. – Respondi.

Por que nunca nos ligou? Por que não tentou entrar em contato?
– Perguntou uma delas.

Não senti necessidade. – Respondi novamente.

Nossa, Michael... – Falava Joan.

Nossa o quê? Vocês esperam que eu conte o que está acontecendo para que vocês falem para a escola inteira? Não, obrigado. Já estou bem o suficiente. – Falei, pegando a saída mais próxima.

Estávamos na quinta aula do dia... Creio que já passou da minha hora de ir para casa. Peguei minhas coisas e simplesmente me levantei. Aonde você está indo, Michael? – Perguntou o professor.

Pra casa. – Respondi.

Tudo bem, você tem uma permissão? – Perguntou ele.

Não preciso de uma. – Respondi.

Você tem um motivo para estar saindo? Quer que eu ligue para os seus pais? Está tudo bem? – Perguntou ele.

Eu não quero estar aqui. É um motivo? – Respondi, saindo pela porta.

Em casa, minha mãe entrou pelo meu quarto e perguntou o motivo de eu ter ido a escola hoje, e também perguntou o motivo da ligação do meu professor de Biologia.

Eu só achei que eu precisava sair de casa um pouco. Achei errado. E enquanto ao professor, eu estava cansado da sala de aula, simples. – Falei a ela.

Tudo bem... – Disse minha mãe. Vá se arrumar, você tem a sua primeira avaliação hoje.

Então é isso? Hoje o meu futuro começa a ser decidido? – Perguntei.

Depende de você, meu filho. – Falou ela.

Na consulta, eu passei provavelmente os primeiros 10 minutos encarando cada pequena coisa que havia no consultório, do chão até as almofadas.

Então, Michael. Conte-me o motivo de você estar aqui. – Perguntou a mulher, que eu nem sabia o nome.

Você já deve saber... – Respondi.

Na verdade não. Sua mãe achou que seria melhor se você falasse antes dela falar algo. – Falou ela.

Ah, bem. Então. Eu estou aqui porque não falar não está ajudando. E acho que você sabe que estou aqui para ser mentalmente avaliado para fins futuros. – Falei.

Compreendo... Mas que tipos de fins futuros? Esclareça para mim. – Falou ela.

Preciso de uma avaliação profissional para ser internado. Infelizmente, não posso simplesmente me enfiar numa clínica a hora que eu quiser. – Falei.

(...) Então, Michael. Nosso prazo é de 3 meses, você está de acordo? Dentro desses 3 meses, você vai me dizer até que ponto aguenta, certo? Estou contando com você nisso, é o único jeito de te ajudar antes de tomar medidas drásticas. – Falou ela.

Certo, tentaremos então. E a qualquer momento, dentro desses 3 meses, eu posso dizer que cheguei no meu limite, e que já deu? – Perguntei.

Sim, se você achar que é o seu limite, paramos. E bem... Aí você sabe. – Falou ela.

Tá certo então. Te vejo semana que vem. – Falei, saindo pela porta.

Por horas, eu andei. Andei pelas ruas, sozinho. Sentei em bancos, encarei lojas, objetos, animais, plantas. Procurei por uma explicação, sem sucesso. Eu continuava andando, e procurando, e pensando como foi que as coisas chegaram nesse ponto, pensando em quem por a culpa. A verdade é que, eu só podia culpar a mim mesmo. Eu era o culpado da minha própria queda. Eu era o culpado de tudo. E eu sei

disso agora. E eu vou continuar escavando, até atingir o fundo. Não havia mais volta. Tudo o que eu achei que era verdade, não era. Tudo o que restava, tudo o que me fazia, de certa forma, segurar, havia ido. Quebrou. Eu quebrei.

CAPÍTULO 2: OLHOS ABERTOS

Então, Michael. Você está no segundo ano, certo? E a faculdade? Vai fazer o que? – Perguntou minha tia Edna.

Faculdade não está mais nos meus planos. – Respondi.

Ah é? Vai trabalhar então? – Perguntou ela novamente.

Também não. – Respondi.

E a sua mãe aprova esse seu jeito de viver? – Perguntou meu tio.

Ela não tem que aprovar nada. – Respondi novamente.

Michael, pode vir até a cozinha? Preciso que me ajude com algo. – Falou minha mãe, do outro lado da sala.

Claro, mamãe. Estou indo. – Falei. Me desculpem, nos vemos mais depois.

Você está louco? O que você está falando aos seus tios? O que você quer que eles pensem? – Minha mãe perguntava, quando entrei na cozinha.

Que seja, mãe. – Respondi.

Que seja? O que você acha que eles vão pensar depois? E acha que eles não vão falar por aí? – Dizia ela.

Claro, claro. Já entendi, você está preocupada que vá lhe custar o prêmio de mãe do ano, não é mesmo? Como sempre, é sobre você. – Falei, saindo da cozinha.

Aonde você está indo? – Perguntou ela.

Para o meu quarto. – Respondi.

Não, você vai ficar aqui e fingir que está tudo bem. Não reuni

a família toda aqui a toa, eles tem que ver que você está bem, ou ao menos acharem que você está bem. – Falou ela.

Tudo bem, vou interpretar o papel. – Disse, indo em direção a algumas pessoas.

Ei, Michael. Venha cá! Como você cresceu, parece um homem já. – Falava uma outra tia minha, Kate.

É a lei da vida... – Respondi, com um sorriso irônico de orelha a orelha.

Hahaha engraçadinho! E aí, como vai a vida? - Perguntou ela.

Ah, você sabe...

Está tudo bem! Michael está procurando um emprego, não é mesmo Michael? – Falou a minha mãe, me interrompendo.

É? É. – Falei.

Bom, o jantar está pronto. – Falou a minha mãe, em voz alta, para que todos ouvissem.

Na hora do jantar, estavam todos reunidos na mesa. Devia ter em torno de 20 pessoas, entre eles tios, primos, avôs, avós, e por aí ia a árvore genealógica.

Eu gostaria de agradecer a presença de todos, por mais que não estejamos comemorando nada em especial, é sempre bom reunir a família e dar umas boas risadas botando o assunto em dia e relembrando de coisas, não é mesmo? É bom ter a família por perto. – Falou minha mãe. Michael, não quer dizer nada?

Claro que quero! Adoraria fazer um agradecimento especial. Gostaria de agradecer a presença de vocês nesse jantar hipócrita com o intuito de mostrar que eu estou na verdade muito bem e não estou doente. Vamos também propor um brinde à minha mãe, que definitivamente é um exemplo para mim. Levantem as taças! Obrigado a todos, e com licença, vou para o meu quarto. – Falei, me levantando da mesa e desviando os olhares.

Você tem ideia do que você acabou de fazer? – Dizia minha mãe, que me seguiu até o quarto. Você tem ideia do dano que causou? Você estragou o jantar, e de bônus colocou um holofote sobre as nossas cabeças.

Você está realmente tentando fazer eu me sentir culpado pelo o que eu fiz? Hah, mãe... Eu não me importo, esqueceu? Eu-não-me-importo! Gaste suas energias com outra coisa... – Respondi.

Você vai se arrepender de tudo o que está fazendo, Michael. Uma hora você vai cansar de precisar chamar a atenção toda a hora. – Disse ela.

Chamar a atenção, mãe? Se eu quisesse chamar a atenção eu compraria um macaco e faria-o sair do forno no lugar do frango que você botou assar, se eu quisesse chamar a atenção eu subiria em cima da mesa e quebraria os pratos, se eu quisesse chamar a atenção eu faria qualquer coisa menos omitir a verdade, que é o que você faz. Agora, por favor, saia e fecha a porta. – Falei.

Depois de ficar alguns minutos andando de um lado para o outro no andar de cima da casa, pensei comigo mesmo. Tenho que sair. Troquei de roupa, arrumei o cabelo, respirei fundo e desci as escadas.

As coisas tinham voltado ao normal, estavam todos conversando, rindo e comendo, quando todos ouviram que tinha gente descendo.

Estou saindo! – Falei, apontando para a minha mãe.

Antes que ela pudesse se levantar ou dizer algo, eu já havia saído.

Chamei um taxi e fui até o bar onde meus amigos estavam. Estranho eu resolver aparecer dessa forma, levando em conta que ninguém ouvia de mim por dias, mas isso estava prestes a mudar.

Olhem, é o Michael! – Disse Stefan, apontando para a porta de entrada fazendo todos que ouviram olharem.

Por onde você andou? – Perguntou Joshua.

Ah, você sabe... Por todo lugar. Por lugar nenhum... – Respondi.

Vago. Esse é o Michael que eu conheço. Venha, sente-se com nós. – Disse Joshua, puxando uma outra cadeira.

Então, Michael. Que tipo de droga você está usando? – Perguntou Amelia.

Droga? Eu não... – Respondi

Relaxa, é uma brincadeira! – Disse Amelia, rindo. Mas sério, conte-nos o que aconteceu, você desapareceu do nada...

Menos perguntas, mais bebidas. Por favor, não aqui, não agora. – Respondi.

Você realmente acha que é uma boa ideia estar aqui hoje? Digo, você sabe quem está aqui... Não sabe? – Perguntou Joshua, hesitando um pouco.

Eu sei o que eu tenho que fazer. Graças a você, agora eu sei. – Respondi.

Flashback

Você sabe o que você tem que fazer, Michael. Está tudo dentro de você. – Disse Joshua, acendendo um cigarro.

Como? Como pode ser possível que eu saiba o que eu tenho que fazer e não conseguir enxergar claramente? – Perguntei.

Você precisa descobrir isso sozinho. – Falou Joshua novamente. Nem tudo vem fácil, nem tudo é fácil ou simples, mas você tem a solução para facilitar isso.

Tenho? – Perguntei novamente.

Pegue. – Disse Joshua, apontando para um pedaço de papel dobrado na mesa, no qual ele havia acabado de escrever. Com isso, você vai saber o que fazer.

Algumas horas haviam passado, e estava frio. Todos haviam bebido mais do que deviam, e ninguém mais respondia por si. Eu olhava para todos os lados, procurando por algo. Por alguém. Eu o enxerguei, do outro lado da rua, e era como se eu não o visse por muito tempo. Eu não tinha total certeza do que eu exatamente estava fazendo ali, mas eu sabia que precisava fazer. Lá estava ele. E então, numa espécie de surto de coragem, atravessei a rua.

Nós precisamos conversar. – Falei.

Precisamos? – Perguntou ele.

Digo, eu preciso conversar com você. Se você preferir, só ouça. – Falei novamente.

Estou ouvindo. – Assentiu ele.

Eram 2 horas da manhã, e estava inexplicavelmente mais frio do que a 2 horas atrás.

Alguém viu o Michael? – Perguntava Joshua, por todos os cantos.

Como assim? Ele estava aqui a um tempo atrás. – Disse Nicole, um pouco confusa.

Sim, ele estava. Estava conversando com você sabe quem, e então simplesmente sumiu de vista. – Disse Joshua.

Como vocês deixaram o Michael conversar com ele? Você mais do que todo mundo sabe como ele fica instável quando se trata do... – Falava Nicole, sendo interrompida.

EU SEI DISSO! – Gritou Joshua, quase em lágrimas.

Calma, não foi minha intenção te culpar. Vamos ligar para ele antes de tirar alguma conclusão... – Falou Nicole.

Tudo bem, vou discar. – Falou Joshua

Alô? Michael? – Falou Joshua, quando viu que o celular havia sido atendido.

Quem é Michael? – Disse uma voz desconhecida.

Esse celular é do meu amigo. Quem é você? – Perguntou Joshua, com o tom de voz alterado.

Calma cara... – Falava o desconhecido.

Se você encostar um dedo no Michael você vai se arrepender. – Falou Joshua.

Eu nem sei quem é Michael, caramba! Eu achei esse celular na rua, caído. Se quiser, eu devolvo! – Respondeu o homem.

Eu preciso desligar, e sim, traga o celular na frente do Set Up Bar, que terá gente esperando para pegar. – Falou Joshua, desligando.

O Michael sumiu. O celular dele estava na rua. – Falou Joshua. Vou chamar algumas pessoas, precisamos ir atrás dele.

Chame os meninos, vou chamar as meninas. – Falou Nicole.

O Michael desapareceu. – Falou Joshua, num grupo de pessoas.

O que aconteceu? – Perguntou Laís.

Não sei! Liguei para o celular dele e um homem atendeu, alegou ter achado o celular dele na rua.

Tudo bem. Vamos juntar algumas pessoas e procurar por aí, talvez, se ele estiver sozinho, ele não esteja longe. – Disse Alexander.

Joshua estava sentado num banco, tentando pensar aonde Michael poderia estar, ou o que ele poderia ter feito.

A culpa é minha, eu o incentivei a conversar com ele, achando que tudo daria certo, achando que o resultado seria positivo. Se algo aconteceu com ele... – Disse Joshua.

Não pense assim, Joshua. Nem sabemos onde ele está... – Falou Nicole.

Flashback

Se algum dia precisar de mim e não achar, sabe onde procurar. – Disse Michael.

É isso, eu sei onde ele está. Fique aí caso os outros voltem. – Disse Joshua, correndo para o outro lado.

Eu sabia que você me encontraria aqui. Eu sabia que podia contar com você. – Falei, vendo Joshua pelo canto do meu olho.

Quase passou despercebido por mim. – Disse Joshua. O que aconteceu? Por que você está aqui?

Coisas aconteceram. Coisas que você não entenderia. – Falei.

Deixa de bobagem, é obvio que eu entenderia. É assim que funciona, Michael, nossas mentes estão em sintonia. – Disse Joshua.

Eu preciso que você entregue uma coisa pra mim. – Falei.

O quê? – Perguntou Joshua.

Pegue esta carta e entregue a ele. – Falei novamente.

Mas por que você não entregou quando conversou com ele? O que aconteceu nessa conversa, Michael? – Disse Joshua.

Um dia, meu amigo, um dia. – Falei.

O que é isso na sua boca? Não havia reparado. É sangue, Michael? Foi ele? – Perguntou Joshua.

Eu cá. – Respondi. Agora, preciso ir para casa. Fale aos outros que estou bem, foi uma preocupação desnecessária.

Tudo bem... Ah, aqui. Seu celular, um cara achou, e bem... Aqui está. – Disse Joshua.

Obrigado. Por isso, e por tudo. – Falei, me despedindo.

Você não precisa me agradecer. – Respondeu Joshua.

Eu andava pela rua, estava escuro, não havia luz alguma. Estava a algumas quadras de casa, o que me dava bastante tempo para continuar pensando. A culpa é o pior sentimento de todos, pensei comigo mesmo. E a culpa que eu tinha, era pior do que qualquer coisa que eu teria de levar comigo mesmo pelo resto da vida.

Flashback

Não é tão simples. – Falou ele.

Eu sei que não. E não espero que você me perdoe, só quero que saiba que estou arrependido. – Respondi.

Entendo, Michael. Eu já fiz coisas que não me orgulho, inclusive contigo. Mas se eu tivesse feito o que você fez comigo... – Dizia ele.

CAPÍTULO 3: EQUILIBRANDO

Acontece que algumas pessoas nunca mudam. Por mais que tentem, e tentem de novo, é meio que obra do destino deixar as coisas como estão. Eu, por exemplo, sou uma dessas pessoas. Não vou ser hipócrita em dizer que eu já tentei fazer de tudo para mudar, não, se eu escavasse, provavelmente encontraria alguma coisa, por mais mínima que seja. Mas, a realidade é que, de uma forma ou de outra, todo mundo se esgota. Vai chegar um momento na sua vida onde você vai perceber que não tem mais forças para nada. Não tem mais motivação.

Chega um momento onde você se encontra em uma espécie de balança, onde você, de um lado, coloca o que é certo, e do outro lado, coloca o que você é. E ve qual dos lados pesa mais. Bem, o lado que pesar mais, teoricamente seria o lado mais caro. A questão em si é, qual é o preço? O que vai ser preciso pagar por tudo?

Meu filho, você está de novo nessa cama à dias... O que aconteceu? – Perguntou minha mãe, entrando no quarto.

Nada, mãe. Nada. – Respondi.

Tem algo te incomodando, sim. Me fale, meu filho, quero poder ajudar. – Disse ela.

Você quer me ajudar? Então ligue para a minha psicóloga, diga que não tem mais o que fazer. Mande-a encaminhar os papéis. Faça isso e você estará me ajudando. – Falei.

Tudo bem... Se é isso que você realmente quer. Vou ligar para ela. – Disse minha mãe.

Obrigado. – Assenti.

Conversei com ela, Michael. Os papéis já estavam quase prontos, você poderá ir para lá hoje mesmo. – Falou minha mãe.

Tenho que arrumar minha mala. Sim. Mas... O que se leva para uma clínica? Pijamas? Eu não sei, mãe, se puder me ajudar... – Falei.

Claro que sim... Uma última vez. – Disse ela com os olhos cheios de lágrimas.

Mãe, não é para sempre! E a senhora vai poder me visitar, e eu serei uma pessoa melhor depois disso tudo, você devia entender. – Falei.

Eu sei, meu filho, eu sei... Tudo bem, vamos arrumar a sua mala.

As 20:00 minha psicóloga ligou para minha mãe, avisou que a papelada estava pronta. E que era hora de ir.

O caminho da minha casa até a clínica não é longe, mas me deu tempo de observar a cidade, as ruas, os prédios, as lojas, as pessoas...

Chegando lá, havia alguns formulários que deviam ser preenchidos pela minha mãe, e nesse meio tempo, já fui colocado para dentro.

Passsei por algumas pessoas, relativamente mais velhas do que eu, passei por algumas enfermeiras, e então cheguei no corredor de quartos, que era, de certa forma, assustador.

08. Esse era o meu quarto. Abri a porta, e ali estava. Nada. Apenas uma cama, um armário de segunda mão, um abajur a cima de uma mesinha de escrita, e outra porta, a do banheiro.

Tudo bem, eu consigo daqui pra frente. – Falei para a enfermeira que me acompanhou.

Temos um sistema, em cada quarto tem um sino, se precisar de algo, use-o. Certo? Vou te deixar arrumar as suas coisas. – Falou ela.

A luz do quarto era um tanto fraca, e o cheiro do quarto era de roupa mal lavada, mas nada demais. Me sentei na cama, que fez um barulho estranho, provavelmente faz tempo que ninguém usava esse quarto. Ou talvez tenha problemas na cama. Mas não é relevante.

Abri minha mala, dela tirei meu pijama, uma cueca, uma toalha, meu roupão e um chinelo de lã.

Mereço um banho. – Pensei comigo mesmo.

Fui até o banheiro, que de fato não era o melhor lugar de lá. Mas, novamente, não é relevante. Tive dificuldades para ajustar a água quente do chuveiro, como de costume, mas no fim, deu tudo certo. Eu estava pronto para dormir.

A cama ficava abaixo da janela, o que deixava o quarto com luz, luz o suficiente para me impedir de dormir. Então sentei, no canto, onde conseguia observar o que havia lá fora. Era calmo, havia uma quadra de esportes e uma piscina. E foi, ali, sentindo aquele vento da janela entre aberta que eu soube. Soube que havia feito a escolha certa. O vento que batia em meu rosto é parecido com aquele vento que você sente do topo de uma montanha, de algum lugar alto. Ares puros.

As 6:00 fui acordado para tomar alguns remédios, e então, dormi denovo.

Será que seria assim? Horas exageradas de sono, remédios alterando meu humor, meu estado mental, meu temperamento. Mas valia a pena.

Michael, você tem visita. – Disse uma adorável enfermeira abrindo a porta. Devo dizer a ele para esperar?

Sim, sim, mas antes, uma dúvida. É homem ou mulher? Só estou surpreso pelo fato de ter visita no meu primeiro dia aqui... – Falei

Primeiro dia? Michael, você está aqui já tem 5 dias... – Respondeu a enfermeira, fechando a porta.

5 dias? Eu devo ter dormido muito mesmo... Enfim. Me vesti, lavei meu rosto, me olhei no espelho e percebi o lixo que eu estava, e então saí do quarto, como se fosse a primeira vez (no meu ver era, o problema é que 5 dias foram passados em branco). Andei até o fim do corredor, e cheguei ao salão de visitas. Havia alguém. Homem. De costas, usava uma jaqueta de couro. Andei até ele, usando minha habilidade não-existente de adivinhação para ver se eu descobrisse quem era.

Os outros falaram que iam se revezar em outros horários para vir te ver, decidi vir antes para não precisar dividir o tempo. – Disse Elliot.

E você está aqui por quê... – Perguntei, confuso e vago.

Recebi sua carta. – Disse ele.

Aparentemente não! Se tivesse recebido a carta saberia que não era para me procurar. – Respondi.

Eu não consigo... Michael, não consigo. Eu me sinto culpado. Digo, olhe onde você está! – Disse Elliot.

A culpa não é de ninguém além de mim mesmo. – Assenti.

Não...

Olha, se você veio aqui para dizer que se sente culpado, é um pouco tarde, não acha? Não é porque minha vida está nessa atual situação que você necessariamente tem que sentir pena de mim. – Falei.

Não é isso, Michael. Não estou sentindo pena de ti, estou me sentindo responsável por você estar onde está. Eu poderia ter pedido trégua, eu poderia ter baixado a guarda, eu poderia sim ter feito algo para mudar isso. – Disse Elliot.

O problema é que, o rancor, esse que você sente por mim, não vai sumir fácil, muito menos milagrosamente agora pelo fato de eu estar aqui. – Respondi.

Tudo bem, Michael. Eu escrevi outra carta para você, que seria melhor você ler e não ouvir saindo da minha boca. – Disse Elliot me entregando um envelope branco.

Tá bem...

Eu vou ir, agora. E eu voltarei. Não só por você, mas por mim. – Falou Elliot, saindo pela porta.

Michael, seus remédios. – Disse uma enfermeira.

5 remédios de uma vez só? Meu caso é tão crítico assim? – Perguntei.

Só tome os remédios. – Falou ela, com um olhar triste.

Ei, você aí. Menino com o roupão azul. – Falava uma mulher do outro lado da sala.

Eu? – Perguntei.

Sim, você mesmo. Sente-se aqui perto de mim! – Falou ela.

No começo, fiquei assustado, pelo fato dela ser uma completa estranha, mas não havia diferença, todos ali eram estranhos uns pros outros.

Meu nome é Theodora, prazer. E o seu, como é? – Perguntou ela após se apresentar.

Meu nome é Michael, prazer! – Respondi.

Então... O que você tem? Se não quiser compartilhar, tudo bem, mas saiba que todos estamos aqui por algum motivo parecido, e a última coisa que faríamos era julgar.

Olhei em volta, e não havia ninguém. Eu estava sozinho. Sem ninguém para confiar, sem ninguém para me dizer o que é certo e o que é errado. Por que não confiar parcialmente toda a história da minha vida numa estranha que eu havia acabado de conhecer, não é mesmo?

Uma outra hora, pode ser? Estou indisposto agora... Quem sabe no grupo que tem mais tarde, te vejo lá?

Pode apostar que sim! Estou curiosa agora. – Respondeu Theodora.

Voltei para o meu quarto, sentei na cama e observei a janela. Havia pessoas na quadra, caminhando, jogando algum jogo, havia pessoas na piscina, havia pessoas cuidando das plantas... Tudo o que eu precisava fazer era escolher, escolher alguma coisa e ir a fundo com ela. Mas como escolher algo sem motivação alguma? Acho que a questão maior aqui é que eu não me sinto preparado ainda.

De noite, cada paciente jantava no seu quarto, e depois, havia grupos de conversas. Separados por psicólogos, cada psicólogo ficava com um grupo. E por sorte, ou não, depende da definição de sorte na situação, Theodora estava no mesmo que o meu.

Boa noite! Meu nome é Joanna Hitson, sou psicóloga, e estou aqui para tentar ajudar vocês de todas as formas possíveis. Vamos começar pelo básico, se apresentem e digam sua idade. Por ordem.

Meu nome é Melissa, tenho 19 anos.

Meu nome é Michael, tenho 16 anos.

Meu nome é Theodora, tenho 45 anos.

Meu nome é Jessica, tenho 33 anos.

Meu nome é Brittany, tenho 22 anos.

Vejo que só temos um menino entre nós hoje! Que tal começarmos por ele? Michael, não é mesmo?

É... Então, não entendi o que você quer que eu faça. – Falei, confuso.

Conte-nos o motivo de você estar aqui. – Falou a psicóloga.

Quanto tempo você tem? – Perguntei. Brincadeira.

Ok, vamos lá. Eu só... Eu queria parar. Estacionar, e não pensar mais em nada. Eu estava cansado de pensar, cansado de tentar. Digo, é normal para alguém se decepcionar com alguém ou com alguma coisa, certo? Pois então, decepção não justifica meu atual estado mental, mas, quero dizer, cada pequena coisa influencia pra algo maior. Eu daria tudo para não ser Michael por alguns dias, mas, infelizmente, estou com esse fardo até o fim. Outra coisa que me “preocupa”... O fim.

Eu precisava de uma zona de conforto, de algum lugar onde eu pudesse deixar tudo o que eu criei pra trás e criar coisas novas. Criar uma pessoa nova. Me recriar. Mas pra isso, eu preciso forças, e motivação, e eu simplesmente não tenho. Simplesmente esgotei todas as partes de mim.

Mas... Não vem ao caso. Tem gente aqui com problemas de verdade, não precisam focar suas atenções em mim.

Sim, Michael. Todos aqui temos problemas, e é por isso que estamos lhe ouvindo. – Disse a psicóloga.

Certo... O que mais você quer saber? – Perguntei.

O que você está disposto a fazer para todas essas mudanças que você acabou de dizer? – Perguntou ela.

Nada. – Respondi.

Como nada? – Perguntou ela novamente,

Você tem problemas auditivos? Do mesmo jeito que eu falei que varias coisas mudariam, falei que era preciso de força e motivação para isso. E também falei que eu simplesmente não tenho.

Eu acho que existe algo mais aí dentro, Michael. – Falou ela.

Não, não tem. – Falei.

Michael Ridders, você tem visita. – Falou um homem entrando pela sala.

Acho que teremos que ter nossa conversinha outro dia, Doutora. – Falei, saindo.

Meu Deus, Michael! Eu pensei que nunca mais iria te ver, meu Deus, como é bom saber que você está bem! – Falou Cornelia.

Bem? Sério? Acho que você precisa repensar nas coisas, haha. Senti sua falta também. – Falei.

Não é nesse sentido, é que você desapareceu, Michael, você não avisou ninguém, você simplesmente sumiu! – Disse Cornelia.

É, bem, me desculpe por isso, mas precisei. – Respondi.

Eu sei, mas como você está? Você está péssimo! Digo, que cor é essa a da sua pele? E essas olheiras? Michael! – Falava Cornelia, indignada.

Relaxa, Cor... Cuidarei dessas coisas na hora certa, agora a única coisa que preciso fazer é dormir e esquecer que o resto do mundo existe. Você sabe se mais alguma das meninas vai vir? – Perguntei.

Elas estavam se organizando, falei que entraria em algum grupo depois, mas precisei vir te ver sozinha. – Respondeu Cornelia.

Algo em particular? Alguma coisa aconteceu? – Perguntei.

Não, meu bem, não, o único problema é eu lá sem você. – Falou Cornelia.

Cor... Não é para sempre! Talvez nem seja por tanto tempo assim, o que os outros podem fazer, você principalmente, é seguir com a vida de vocês até que eu volte a fazer parte delas. – Falei

Eu sei, eu sei. Mas ein, preciso ir. Quando cheguei, a moça da recepção disse que o horário de visita estava acabando.

Se cuida, Michael. Se alimenta direito, e se recupere para sair logo desse lugar e voltar a comandar a escola comigo! – Disse ela, rindo.

Pode deixar.

Amo você M. – Falou Cornelia.

Amo você C. – Falei.

Michael, hora de ir para a cama. – Falou Kris, uma das minhas enfermeiras favoritas.

Tá bem, estou indo. – Falei.

Caminhei até o meu quarto, ajeitei-me para dormir, quando tirei meu roupão senti um pedaço de papel ali. Era a carta do Elliot.

Droga, esqueci completamente. – Pensei comigo mesmo abrindo a carta.

“Michael, em primeiro lugar, preciso te pedir desculpas. Se não fosse por minha causa, talvez teriam chances de você não estar aonde está agora.

Bem, na maior parte do tempo eu passei me defendendo dos teus ataques, e não, não estou te culpando. Eu sei o que eu fiz, como você sabe o que você fez. E nada muda isso. O que pode acontecer é duas pessoas maduras tentarem por o passado pra trás, e quem sabe, seguir em frente. Quando você veio me pedir desculpas, foi meio que um choque pra mim, pelo fato de eu achar que você nunca iria por o orgulho de lado. Mas você botou, e isso me impressionou, e fez eu repensar nas minhas atitudes, atitudes que eu não havia parado para rever até agora. A verdade é que, de certa forma, eu sinto a sua falta, sinto falta daquele garoto atrapalhado que tentava de tudo para conseguir a minha atenção, e acima de tudo, sinto falta daquele que eu podia confiar. Eu vejo quem você se tornou agora, e bem, realmente não era o que eu queria para você. Você se lembra quando eu disse que queria te ver feliz mas não tinha certeza se iria conseguir? Então. Bem, é isso, acho que te visitarei denovo, ou não, se não, nos falaremos aqui fora. Fique bem.”



CAPÍTULO 4: VELHOS HÁBITOS

Na escola os boatos eram grandes. Alguns falaram que eu fui internado por dependência química, alguns falaram que eu me mudei, alguns falaram que eu tentei cometer suicídio, alguns falaram até que eu tinha trancado a escola. E em casa, minha mãe passava os dias se lamentando, chorando pelos cantos, não a culpo, mas fazer o papel de vítima a essa altura do campeonato é meio forçado demais até pra ela...

Algumas visitas vieram ao longo da semana, família no geral, algumas amigas, nada em particular, o horário não é tão flexível assim, fora os horários para os pais.

Fazem duas semanas, meu filho, não acha que está na hora de voltar pra casa? – Disse minha mãe, me acordando.

O quê? Como você entrou aqui? – Perguntei.

Sou sua mãe, tenho meus direitos. – Respondeu ela.

Ah, maldita lei... – Falei

Não vim aqui para brigar, vim aqui para te convencer a voltar pra casa. – Falou ela.

Já estou aqui, não estou? De quê adianta eu voltar para casa se eu não estiver bem? – Falei.

Você não está bem? – Perguntou ela novamente.

Meu Deus, mãe, não! - Respondi.

Tudo bem... Passei também para te ver, tu faz falta naquela casa sabia? As vezes eu levo a Greta até o seu quarto, no meu colo, e ela olha em volta, te procurando...

Mãe, não faz isso. Sério, por favor. – Falei.

Tudo bem, tudo bem... – Disse ela, enxugando as lágrimas.

Com licença, senhora. Mas o Michael precisa tomar seus remédios e se alimentar, você tem que sair. – Falou a enfermeira.

Sim, sim. Claro, eu entendo. Tchau Michael. – Disse ela, me dando um beijo na testa.

Como você está se sentindo hoje? – Perguntou a enfermeira.

Se eu dissesse que estou bem, estaria mentindo. – Falei.

Eu não entendo... Você está tomando toda a medicação, de forma certa. Talvez tenhamos que mudar. – Falou ela.

É, talvez. Bem, se não se importa, gostaria de descansar mais um pouco antes de caminhar pelo pátio. – Falei.

Tudo bem, venho lhe chamar depois. – Disse ela, saindo do quarto.

Não precisei que a enfermeira me chamasse, acordei não muito depois de ter adormecido, coloquei o meu roupão e fui para o pátio. Tinha sol, o que era agradável, e não tinha muitas pessoas lá. Procurei por algum rosto familiar e vi Theodora.

Oi! Posso me sentar aqui? – Perguntei.

Olá, claro que pode rapaz. – Respondeu Theodora

Lembra como você estava curiosa para saber a minha história? Bem, você a ouviu, ontem, e acho que agora é a sua vez de me contar um pouco da sua. – Falei.

Garoto esperto. E com razão. Pois bem, tenho 45 anos, como você deve se lembrar, ou não, haha, enfim. Eu era casada, e tinha 2 filhos, uma menina e um menino.

Era? – Perguntei.

Sim, era. Meu marido morreu em um acidente de avião, vindo para casa, há cerca de 3 anos atrás.

Eu... Eu sinto muito. – Falei.

Tudo bem. E então, durante esses 3 anos, me tornei incapaz de cuidar dos meus filhos, e cá estou eu.

Seus filhos estão em algum orfanato? – Perguntei.

Não, longe disso. Minha mãe está cuidando conta dos 2, eles



aparecem aqui de vez em quando para me ver, não vou negar, quando eles veem é a melhor parte da semana, mas não é sempre, e aqui não é lugar para crianças.

Compreendo... – Falei, sem saber muito o que dizer à ela. Bom eles te visitarem, ajuda, né?

Sim, ajuda muito... – Falou Theodora. Mas então, Michael, o que eu ouvi ontem era só uma previa dos acontecimentos? Tem algo a mais?

Basicamente era aquilo, sim. Mas você não precisa pensar nisso, você já tem o suficiente. – Falei.

Nada disso! Todos nós temos problemas, todos nós fomos afetados por diferentes tipos de problema. Todos tem sua cota, Michel. – Disse Theodora.

Se você diz... Bem, tenho que ir. A gente se vê por aí! – Falei.

Claro, para onde mais iríamos? – Falou Theodora, rindo.

Depois de sair dali, a única coisa que eu pensava em fazer era ficar na frente do espelho e me chamar de fútil por um tempo. Fútil. Adolescente. Imaturo. Me sinto fútil e superficial vendo pessoas que realmente precisam estar aqui. Mas, pera, não significa que eu esteja bem. Significa? Óbvio que não.

Deitei em minha cama, por longas horas, decorei cada pedaço do meu quarto, observei a janela e tentei dormir, sem muito esforço, já que toda essa medicação estava acabando comigo, pouco a pouco.

Você tem uma carta. – Falou uma voz rouca na porta. Era um homem, aparentava ter uns 50 anos.

Tive que abrir antes, para examinar, mas aqui está. – Falou ele, novamente, me entregando a carta e saindo.

“Querido Michael, como você está? Como estão as coisas aí? Não sei se vão lhe deixar enviar uma carta a nós, mas vale a tentativa. As coisas estão indo de ruim a pior sem você aqui, essa escola não é nada sem você aqui conosco. Eu (Anne) estou vendo com o resto das meninas algum dia para irmos aí, e como, pelo fato de ser um pouco longe. Você está perdendo muito, alguns colapsos de professores, parece que todos estão alinhados uns aos outros para surtarem juntos, é incrível, mas com você aqui seria

melhor. Nós sentimos sua falta, Michael, todas nós. Mas sei que é para melhor, e que, quando você voltar, vai tudo voltar ao normal. Só ter paciência. As noites na Independência também não são as mesmas sem você, tudo está começando a ficar monótono por aqui. Por favor, melhore. E volte. Amo você.”

Ei, moço. – Falei, da porta do meu quarto.

Eu posso responder? A carta. – Falei novamente quando ele se aproximou.

Pode sim, garoto. Vou pegar papel e caneta para você. Logo volto.
– Disse ele.

Obrigado. – Assenti, fechando a porta novamente.

Enquanto o enfermeiro não voltava com o que eu pedi, mentalmente pensei em como escrever a carta de resposta para Anne.

“Aqui é agradável, claro que não existe lugar melhor que sua própria casa, mas considerando que aqui vai ser a minha casa por um tempo, é aceitável. Bem, eu passo a maior parte do dia dormindo, acordo para tomar mais remédios e comer alguma coisa. Eles insistem que eu comece a participar dos grupos de jovens, mas não me sinto confortável para isso ainda. Sinto falta de você, Anne, e de todas vocês também, uma das partes mais difíceis é passar por tudo isso sozinho, de certa forma. Minha mãe não vem muito aqui, acho que é doloroso para ela, ela provavelmente liga para os médicos para perguntar algo. Venham! Escolham um dia e venham, ainda não me familiarizei com o horário de visitas, pelo fato das duas que eu tive até agora foram em horários totalmente opostos. (...) Eu imagino a bagunça que deve estar sem mim, mas sei que vocês podem dar conta, por hora, afinal, eu vou voltar, não é como se eu tivesse me mudado e saído da escola. Bem, não tenho muito o que falar, não é como se eu tivesse uma rotina agitada. Se cuidem, meninas. Espero vê-las em breve. Sinto falta de vocês. M.”

Meu quarto estava começando a me enjoar. Cansado da mesmice. O lugar onde eu estava era grande, acho que se eu for andar por aí, mato uma tarde toda, pensei comigo mesmo.

Andei por vários corredores, subi várias escadas, desci várias escadas. Conheci algumas enfermeiras, alguns médicos, descobri que tem



uma máquina de café em um dos corredores, conheci alguns pacientes, conversei com uma, na verdade, Amanda, tinha a minha idade, o que foi relativamente agradável devido ao fato de quase todos que eu já havia conhecido eram mais velhos.

Então, por que está aqui? – Perguntou Amanda.

Ah, estava cansado de ficar no meu quarto... – Falei

Não nesse sentido, digo, por que está aqui nesse lugar? – Perguntou novamente.

Quem sabe um dia eu lhe conte. – Falei.

Mistério? Gosto de mistérios! – Disse ela, rindo.

Não... Não dessa forma, só me sinto um pouco desconfortável para conversar sobre isso. – Falei.

Ah, ah. Tudo bem então. Em que quarto você está? – Perguntou ela novamente.

Acho que é no 08... E você? – Perguntei.

12, é quase do lado! Eu preciso ir para o quarto agora, na verdade, precisamos. Quer me acompanhar? – Perguntou ela.

Precisamos? – Perguntei, confuso.

Sim, já anoiteceu, as enfermeiras vão começar a dar mais remédios e a janta. – Falou ela

Ah, claro. Sim, vamos então. – Falei.

Você está aqui a quanto tempo? – Perguntei, um pouco sem jeito.

2 meses e meio... E você? – Perguntou ela.

Não tenho certeza, talvez umas 3 semanas, ou 4. – Falei.

Como pode não ter certeza? Hahaha. – Perguntou ela, rindo.

Pode parecer estranho, mas um dia eu acordei, tinha visita, e perguntei para a enfermeira se ela sabia quem era, por que eu realmente fiquei confuso, digo, visita logo no primeiro dia? Aí ela me disse que eu dormi por 5 dias inteiros... – Falei.

Quebrou meu record! Dormi por 3 dias quando cheguei. – Disse Amanda.

Hahaha score! Enfim, eu fico por aqui, você é logo alí, haha. Nos vemos por aí! – Falei.

Sim, nos vemos por aí. – Falou ela, sorrindo.

Acordei com um suspiro. Um suspiro forte, sufocante. Como se tivesse água em meus pulmões. Devia ser 3 horas da manhã. E então, comecei a chorar. Mas eu não conseguia entender o porque de eu estar chorando sem parar. Presumo que tenha sido um sonho, mas que não me lembro agora do que havia nele. Doia, era tanto choro que doia para respirar. O que diabos estava acontecendo? Eu estava a beira de um colapso? De novo? Foi quando eu fui até o banheiro, e quebrei o espelho. O espelho agora estava no chão, em provavelmente alguns 100 pedaços. Procurei pelo pedaço maior e mais afiado possível. Eu sabia o que estava acontecendo, e era como se eu não tivesse auto-controle de mim mesmo. Tinha sangue por todo o chão do banheiro.

Como de costume, as 6:00 em ponto, a enfermeira levava minha medicação matinal.

Ah... Meu Deus! – Falou a enfermeira, e então correu pelo corredor atrás de ajuda.

Código 321, REPITO, CÓDIGO 321. PACIENTE DO QUARTO 08. AGORA! – Gritava ela pelo corredor.

Chegaram dois outros médicos, e viram que eu estava vivo. Havia batimentos, e minha respiração estava normal.

Busquem uma maca, vamos leva-lo até a enfermaria.

Na enfermaria, uma moça, jovem, limpou meu braço, tirou o sangue acumulado para terem uma ideia mais ampla do que havia acontecido.

Vai precisar dar ponto em alguns dos cortes, Dr. – Falou a enfermeira.

Eu sei... Eu assumo daqui, obrigado Jude. – Falou o Dr.

AONDE ESTÁ ELE? EU QUERO VÊ-LO! EU TENHO DIREITOS DE VÊ-LO! A voz vinha do corredor, e parecia ser da minha mãe, parecia não, era.

Senhora, o médico está dando pontos no braço do Michael agora, se você puder se acalmar, você verá seu filho em breve. – Falou Jude, tentando acalmá-la.

Eu preciso saber pelo menos, pelo menos o que aconteceu! – Disse minha mãe.

Olha, senhora, eu não tenho certeza pois não fui eu que achei ele no quarto, mas a enfermeira que o viu, pela manhã, disse que o encontrou caído no chão do banheiro, com o espelho todo quebrado, e que havia muito sangue pelo chão.

Como assim muito sangue? Ele vai ficar bem? – Perguntou minha mãe, em lágrimas.

Eu acredito que sim, não foi nada fatal, se fosse, ele teria morrido no quarto. – Disse Jude. Agora, preciso que você fique aqui e que você se acalme, os médicos sabem o que fazer.

Duas horas depois, eu comecei a ouvir um barulho, um barulho um tanto irritante, acho que era para monitorar minha pulsação. Minha visão estava toda borrada, eu não via muito, o que eu sabia que estava vendo era pessoas. Havia 3 pessoas em volta de mim.

Quando consegui abrir meus olhos, vi que era minha mãe e dois médicos.

Como você está se sentindo? – Perguntou um dos médicos.

T... Tonto. – Falei.

Claro que você estaria tonto, você perdeu litros de sangue. – Disse ele novamente. Vamos deixar você aqui com a sua mãe enquanto buscamos algo para você comer e beber. Você precisa.

Meu filho, o que aconteceu? – Perguntou minha mãe.

Eu não sei... Eu juro. Não sei. – Respondi.

Tem alguma chance dele ter “reprimido” as memórias de ontem? – Perguntou minha mãe para a enfermeira que estava do lado.

Existem casos, mas não sei se é isso que aconteceu com o Michael. – Respondeu ela.

Ele não faria isso do nada! – Disse minha mãe.

Olha, durante essas semanas que o Michael já passou conosco deu para ver que, por mais que ele tenha essa armadura por fora, dá pra ver o quão frágil ele é. Dá pra perceber o que ele está sentindo mesmo que ele não diga. E ele tem histórico disso, senhora, não é novidade.

Mas todos esses remédios... – Falava minha mãe quando foi interrompida pelo médico.

Os remédios não impedem que isso aconteça, os remédios ajudam ele mentalmente, ele a entender as coisas, rever as coisas, mas não impedem de que algo vá acontecer. – Disse ele. Desculpe, senhora, mas vou ter que pedir pra você sair, temos que alimentá-lo e revisar os pontos.

Eu olhava pra cima, pro lado, pro outro lado, fechava os olhos, abria novamente. Acho que devem ter me dado mais remédios do que o normal, pensei.

Devido ao episódio de hoje, Michael, sua medicação vai ser alterada. Você tomava 12 comprimidos por dia, vai passar a tomar 19. Claro que, em horários certos. – Disse o Dr.

Tudo bem... – Falei.

Agora coma, tente ao menos. Você precisa, você está fraco. – Disse ele novamente.

Sopa. Não deve ser tão difícil conseguir comer sopa, pensei comigo mesmo. Eca! Que sopa ruim, sem gosto algum.

Como você está se sentindo, Michael? – Perguntou o Dr. Está conseguindo engolir?

Est... Fui interrompido pelo vômito que subiu na minha garganta.

Cuspa aqui. – Disse o Dr. Apontando para uma bacia de metal.

Acho melhor ele se alimentar pela sonda, pelo menos por agora. – Falou o Dr.

O que aconteceu? – Perguntei.

Michael, você não se lembra? Você foi encontrado no chão do banheiro do seu quarto, tinha sangue por tudo. – Falou a enfermeira.

Eu... Eu acho que eu lembro de ter acordado no meio da noite, e nada mais. – Falei.

Michael, seus braços... Você perdeu sangue demais, correu risco de vida. – Disse ela. Foi alguma visita? Alguém te visitou e te aborreceu? Me ajude aqui, Michael, precisamos saber o que aconteceu para saber que medidas iremos tomar. – Dizia ela.

Medidas? Eu já estou aqui, que outras medidas seriam tomadas?
– Perguntei.

Sua medicação pode ser alterada, suas atividades em geral. Se...
– Falava ela.

Se? – Falei, a interrompendo.

Se isso foi uma tentativa de suicídio, teremos que reavaliar seu caso. – Disse ela.

Tentativa de suicídio? Qual é! Já me auto mutili antes, são apenas cortes. – Falei.

Não, Michael. Pelo menos não dessa vez. Tivemos que dar pontos em alguns dos cortes, estava feio, de verdade, isso foi além de qualquer coisa que você já tenha feito, acredito eu. – Disse a enfermeira.

Eu não entendo... – Falei.

Não precisa, deixa essa parte com nós, tá certo? Se preocupe em descansar agora, aqui, esse remédio lhe ajudará a dormir. Você vai passar a noite aqui. – Falou ela, me dando um comprimido branco.

Perdido. Era isso que eu estava. Eu tinha vontade de sair dali, correndo, e não parar de correr, nunca. Era isso? Minha vida havia se tornado nessa limitada lista de opções? As pessoas dizem que eu devo aguentar, que vai passar. Uma hora vai, eu sei que vai, o único problema que eu tenho com essa afirmação é, quando? E se ela chegar tarde demais? E se ela se perder no caminho? Eu já me perdi, e está sendo difícil de achar o caminho de volta, o certo.

Eu não fazia ideia de que horas eram, só sabia que era dia. Eu estava tonto, exageradamente tonto, tentei me sentar e não deu certo.

Calma aí, garoto. Você tá querendo se matar? Você perdeu sangue demais, tem que ficar em repouso. – Falou Jude.

Faz quanto tempo que eu estou aqui? – Perguntei.

Algumas horas. Estranho você ter acordado, o sedativo dura geralmente quase um dia inteiro. – Falou ela novamente. Terei que aplicar outra dose, antes que você resolva fugir da enfermaria.

Não se preocupe, não vou a lugar algum. – Falei, me deitando novamente. Minha cabeça está doendo demais, tem algo que eu possa tomar? – Perguntei.

Agente aí que eu já venho com seus remédios e algo para a sua dor. – Falou Jude.

Olhei em volta, era tudo... Branco. Havia algumas camas do meu lado e á minha frente, alguns aparelhos, mas não havia ninguém além de mim. Pelo menos era melhor que o meu quarto, pensei comigo mesmo.

Me desculpe, ele não está em condição para visitas hoje, só se for os pais dele. – Dizia uma voz fora da sala.

Tudo bem, voltaremos outra hora. Avise-o que passamos por aqui. – Falou uma voz, doce, feminina, que eu tentei reconhecer. Era a Gabriela. Mas “passamos”? Deduzi que as outras meninas estavam junto, mas antes que pudesse terminar a minha teoria, já havia apagado.

O estado dele é crítico, Dr. – Falou Jude.

Não tanto. Não vamos exagerar nas medidas em que iremos tomar, ele tem 16 anos, precisa de mais cuidado. – Falava o Dr.

Que tipo de cuidado? – Perguntou Jude.

Bem, no seu histórico dizia que ele havia parado com a auto mutilação á semanas, talvez tenha sido só uma recaída, tanto que ele nem se lembra... – Falou o Dr.

Tudo bem, mantereí ele ao meu alcance. Posso deixá-lo mais um dia aqui ou ele pode voltar para o seu quarto? – Perguntou Jude.

Deixe-me ver... Mantenha-o aqui até amanhã, depois ele pode voltar para o quarto se quiser, se preferir ficar na enfermaria, sem problemas. – Disse o Dr. Tenho que ir agora.

Acordei. Com um susto. Não tenho certeza se o que saiu de minha boca foi um grito, um gemido ou um suspiro. Mas eu havia acordado.

O que aconteceu? – Perguntou Jude.

Sonho ruim... Eu acho. – Respondei.

Bem, você já está na enfermaria tem mais de 24 horas, agora depende de você. Você acha que pode voltar ao seu quarto? – Perguntou Jude.

Acho que sim, mas não sei se devo. Eu costumava achar que tinha controle sobre mim mesmo, mas depois disso... Não sei qual é a escolha mais certa, você é enfermeira, me ajude. – Falei.

Eu concordo plenamente com você, talvez seja melhor te manter aqui por mais um tempo. Tudo certo então? Vou avisar os médicos e as demais enfermeiras que entregam os remédios diários que você ficará aqui por mais tempo. – Falou Jude.

Tudo certo... Mas ei, estando aqui, terei ainda direito a visitas? – Perguntei.

Terá sim. – Falou Jude, saindo.

Paz. Era só o que eu queria. Quem sabe aqui eu posso simplesmente parar. O silêncio que dominava a enfermaria inteira era confortante, de certa forma. Não que não fosse silencioso em meu quarto, mas é um tanto diferente.

Ei, moça. Com licença. A senhorita poderia arrumar um bloco de notas, uma caneta e talvez um envelope? Eu tenho essa compulsão por escrever, e, ah, você não entenderia, coisa da minha cabeça. – Falei.

Claro que sim. Aqui está. Se a caneta não funcionar, bata um pouco, ou me avise que eu pego outra. – Respondeu a enfermeira.

Está funcionando sim. Perfeito, muito obrigado! – Falei.

Não há de que. – Disse ela, sorrindo.

“Se ninguém ouvir quando você decidir falar, se ninguém ficar em pé depois que as bombas explodirem, se ninguém olhar para você pelo que você realmente é, eu ainda estarei aqui.”

Dobrei a folha onde havia escrito, coloquei dentro de um envelope e pedi para enviarem. E depois disso, veio o arrependimento. O que eu tenho na cabeça? Por que me humilhar desse jeito? Argh, Michael, cresça, amadureça! Pensei comigo mesmo. Mas, nem fará diferença mesmo, não é como se ele fosse voltar aqui.

Comecei a pensar sobre as pessoas lá fora, minhas amigas, a escola, meus amigos, minha família. Digo, já passou de um mês que eu estou aqui, e por mais que algumas pessoas possam ter se importado com o que aconteceu, todo mundo tem uma vida, todos seguiram suas vidas. Nesse 1 mês, poucas pessoas vieram me visitar, até por que mandei minha mãe manter ao mínimo, mandei ela mentir sobre onde eu estava, assim como fiz com alguns amigos. Só que, não deu certo. Não estou me referindo a devido não ter dado certo muita gente veio

me visitar, não, me refiro as pessoas lá fora, cada dia com um rumor diferente sobre o que aconteceu e sobre o que eu estaria fazendo aqui. Não que eu me importasse, não mais.

Depois desse um mês de total invalidez e episódios mencionados acima, comecei a me focar no que eu realmente tinha em mente quando vim para cá. Me remoldar. Não sabia muito bem como nem por onde começar, mas sabia que tinha de ser feito. Como você pega pedaços de uma pessoa que você foi, e junta com pedaços da pessoa que você se tornou? É como separar o bem do mal, só que desta vez juntando.

Michael, você tem visita. – Dizia Jude enquanto 4 meninas entravam pela porta.

Meu Deus, como eu sinto a sua falta. – Disse Gabriela, me abraçando.

Calma, vá com calma, ainda dolorido. – Falei.

Por que seus braços estão enfaixados? – Perguntou Bruna.

Houve um acidente... – Falei.

Que tipo de acidente? – Perguntou Gabriela, que passou de dócil para um cão pronto para morder alguém.

Não vamos falar sobre isso, tá bem? – Respondi.

Você faz falta, Michael. Muita falta. – Disse Mayara, com os olhos cheios de lágrimas vindo em minha direção para me abraçar.

Concordo com ela. Nada parece estar completo sem você junto, Mike. – Falou Chay.

Eu... Eu não sei o que dizer, meninas. – Falei.

Não precisa dizer nada. Na verdade, precisa sim. Diga-me que vai voltar pra casa. Diga. – Falava Gabriela.

Eu vou, Gab. Um dia, logo. Tá bem? – Falei. Agora, me situem do que anda acontecendo!

Ah, nada demais, você sabe, a mesmice de sempre, a Independência vai de mal a pior, tem uma gente nova que começou a ir pra lá, um saco. – Falou Bruna.

E o Joshua? – Perguntei.

Você não soube? Ele fugiu para o Caribe. – Disse Chay.

O quê?! Ele conseguiu? – Perguntei novamente, espantado.

Sim, Mike! Ele assaltou o Banco Central, levou tudo que havia no cofre, matou mais de 50 pessoas. Ele é tipo o Clyde da nossa geração, só que sem a sua Bonnie. – Disse Chay novamente.

Sempre soube que ele conseguiria, sem se importar com os meios que teria de usar. – Falei.

Desculpe interromper, mas o Michael precisa fazer alguns exames agora. – Disse Jude, entrando na enfermaria.

Tudo bem, estamos de saída então. – Disse May. Todas se despediram e foram.

Então, você ouviu o que as meninas me contaram? – Perguntei á Jude.

Sim, ouvi, embora já soubesse, isso ocorreu tem umas duas semanas e meias já. A força militar está por todo lado procurando ele, parece que seu amigo conseguiu chamar a atenção da mídia... – Falou Jude.

Claro que conseguiu, é do Joshua que estamos falando. – Falei, rindo.

Agora chega de papo furado, você precisa tomar seus remédios e se alimentar. – Disse Jude.

Qual é o cardápio de hoje? – Perguntei a ela.

Comida, Michael, comida. – Falou ela.

Não pode ser sopa? – Perguntei.

Vou ver se consigo providenciar. Agora tome seus remédios enquanto eu vou até a cozinha. – Disse ela.

Você ainda está aqui, garoto? – Disse o Dr. Hood entrando na enfermaria.

Pois é, haha, ainda aqui, senhor. – Falei.

Como está se sentindo? – Perguntou ele.

Acho que estou bem. – Falei.

Certo, então, vejamos... Vou alterar sua medicação, e te dar mais... 3 ou 4 dias aqui na enfermaria, você precisa descansar seus braços até tirarem os pontos. – Disse ele a mim.

Sem problemas, até que está sendo agradável ficar aqui na enfermaria. – Respondi.

Que bom que gostou, a maioria dos pacientes armam o maior escândalo quando são trazidos para cá. – Falou o médico.

Não vejo motivo para isso, é mais agradável que ficar o dia todo no quarto, no caso, nos quartos, e todos deviam saber disso, mas... – Falei.

Pensamento maduro e nada flexível, gostei. – Falou o médico. Se cuide, garoto. Disse ele, saindo pela porta.

Aqui está sua sopa, Sr. Exigência. – Disse Jude.

Não foi uma exigência... Tá, de certa forma foi, mas ao menos fui gentil. – Falei.

É mesmo. Agora coma. – Falou ela.

Jude era, sem dúvida a enfermeira que eu mais havia me ligado dali, era como se ela soubesse o que eu preciso e quando eu preciso, ela me entende sem ter que perguntar, e ela é muito atenciosa. As vezes imagino o que os médicos e enfermeiros desse lugar pensam de mim. Afinal, sou o único menor de idade atualmente internado.

Mais além na noite, a enfermaria estava meio escura, algumas luzes ligadas, algumas desligadas. Havia uma enfermeira do outro lado da enfermaria e outra na porta. O silêncio era agradável, totalmente agradável. Parecia que eu estava sozinho. Mas, mesmo fisicamente elas estando ali, eu estava sozinho. Essa era a verdade. Não se trata de time, ou de guerra, ou de uma simples batalha, mas se algo ocorresse, seria tudo em cima de mim. Ninguém estaria ali por mim, ninguém para proteger pelas costas. Eu conheço esse sentimento, gritando a cada passo dado ou não dado. “*O que não te mata, te faz mais forte*”. Acho que tenho sérios problemas com essas citações populares, se o que não mata, deixa mais forte, qual é o motivo de eu estar tão fraco agora? Eu cheguei no meu limite, totalmente sem forças. Mas ainda estou vivo.



CAPÍTULO 5: O SOL TAMBÉM SE LEVANTA

Hora de acordar! – Disse Jude, abrindo as cortinas da enfermaria.

Ah não... – Respondi, praticamente dormindo sentado.

Sim sim, você tem que tomar seus, e além do mais, tem que voltar para seu quarto hoje. – Disse Jude novamente, me alcançando os remédios.

Ah, é. Dia de voltar para o quarto. Vou sentir falta daqui. – Falei.

Irônico. – Disse ela.

É a verdade! Me acostumei com a enfermaria, e é tão agradável, silenciosa, e branca! Haha. – Falei.

Pense nisso como um avanço. Falta menos agora para, talvez, você voltar pra casa. – Falou Jude.

Como um avanço ou como meu pior pesadelo? – Perguntei.

Como assim? Michael, você não quer voltar para casa? – Perguntou ela.

Quero. Na hora certa. E não vejo agora como a hora certa. – Falei.

Compreendo. Agora vamos, vou te acompanhar até o seu quarto. – Disse Jude, caminhando comigo pelos corredores.

Parece... Diferente. – Falei.

Você se acostuma. – Respondeu ela.

Posso ir a outro lugar, pelo menos agora? – Perguntei.

Pode... Vamos até a sala de jogos, posso arranjar para você ficar lá o dia todo. Lhe faço companhia. Que tal? – Perguntou Jude, com um sorriso de orelha a orelha.

Parece ótimo! – Falei. Vamos.

Chegando na sala de jogos, ou sala de recreação, como diziam por aí, pude ver que não são muitos os pacientes que frequentam-na.

Vamos lá, escolha um jogo. – Disse Jude.

Claro, deixe-me analisar... Enquanto eu olhava pelas mesas, pelos armários, pelas bancadas, enxerguei a televisão. E tinha uma foto do... Joshua?!

Jude, aumente o volume da televisão, por favor? – Perguntei.

“Ao que parece, Joshua Cash não está mais no Caribe. Evidências? Joshua Cash assaltou outro banco, mas dessa vez, em Los Angeles. As estimativas são de que Joshua já possua mais de 127 milhões de dólares com ele mesmo. Conhecido também como o “Clyde” da nossa geração, a polícia não faz ideia de onde ele pode ter ido agora ou quando atacará novamente.”

Esperto. – Disse Jude.

Meu amigo. – Respondi.

Michael Ridders. – Chamou uma voz da porta.

Aqui. Eu. – Respondi.

Você tem visita. Disse o homem, afastando-se da porta e dando lugar para uma menina loira passar. Era Jennifer.

Como é bom te ver! Como é bom saber que você está bem. Todos estamos muito preocupados. – Disse ela.

Poupe-me. O que você veio fazer aqui? – Perguntei.

Bem, Mike...

Para você, é Michael. – Falei.

Tudo bem. Michael, eu sei que as coisas entre nós estavam tensas antes de tudo isso acontecer com você, e quando brigamos, ambos dissemos coisas sem pensar, e tudo bem, eu estou disposta a deixar o passado no passado e recomeçar. – Disse ela.

Exceto pelo fato de que eu não estou disposto. Jennifer, o que foi dito, foi dito, e permaneço com isso. Nada mudou. – Respondi. Agora, por favor, saia, pelo visto terei que deixar uma lista de quem pode me visitar, estão deixando gente demais entrar...

Claro, eu saio. Enquanto você continua aí, sendo dopado de remédios e tratado como um inválido. Bravo, Michael. – Disse ela.



Você devia ter mais cuidado com o que diz, Jenny, cedo ou tarde estarei fora desse lugar. – Respondi.

Acontece que muita coisa mudou desde que você se foi. – Disse ela.

E eu mal posso esperar para colocar tudo de volta no lugar que deve. – Falei. Jude, mostre a saída para a garota, e se certifique que ela não volte a me visitar.

Na escola, as perguntas e os boatos circulavam. E aumentavam. Todo mundo queria saber o que havia acontecido com Michael e onde ele estava. Só que desta vez, Jennifer estava lá para respondê-las.

Vocês não vão acreditar aonde eu estava antes. – Disse Jennifer, basicamente para a sala inteira.

Onde?! – Perguntaram.

Fui visitar o Michael, encontrei-o! Ele está em uma clínica, e é insano, ele está amarrado em uma camisa de forças, o rosto dele está todo arranhado e os braços enfaixados. Parecia cena de filme. – Falou Jennifer.

Os comentários e espantos entre si que estavam rolando na sala foram interrompidos por Cornelia.

Como ousa? – Perguntou Cornelia.

Não sei do que você está falando. – Respondeu Jennifer.

Como ousa mentir dessa forma? E sobre o Michael? Eu mesma tenho ido visitá-lo sempre que consigo e posso garantir que ele está melhor do que nunca. Então você feche a boca, e reconsidere antes de inventar alguma coisa do Michael, por que se você não calar a sua boca, calo eu, com o meu punho. – Disse Cornelia.

Você não me assusta. – Falou Jennifer.

Tem certeza? Aposto a vida de alguém nisso. Cuidado, Jennifer, a única vadia daqui sou eu. – Falou Cornelia, saindo da sala.

Olá Michael, não tivemos a chance de nos conhecermos ainda, sou o Dr. Feldon.

Olá. Prazer. – Assenti á ele.

Então, Michael, hoje temos um horário alterado nas suas visitas. Sua família virá hoje. – Disse ele.

Quem? – Perguntei.

Ah, não sei direito. Tios, tias, primos, primas, avós, não sei direito, só fomos comunicadas de que o horário das 18:00 até as 20:00 está reservado para sua família.

Tudo bem. – Respondi, enquanto ele saía do meu quarto.

Família... Imagino que queiram saber como ele está, quando vai sair, afinal, família é família. Só espero que não façam ou falem algo que piorem a situação dele. – Dizia Jude á sua colega, Meredith, que também era enfermeira.

Eu acho que vai ser desconfortável pro Michael, mas não é como se fosse uma escolha, se os pais autorizam, temos que fazer e pronto. – Falou Meredith.

Eu sei disso, mas é que ninguém daqui o conhece tão bem quanto eu, passei dias com este menino, consegui entender o que se passa na cabeça dele, e vai ser complicado com a família toda vindo visitá-lo. Mas teremos que passar por isso. – Falou Jude. Bem, tenho que ir, é quase 18:00, vou dar uma checada nele e ver se está tudo bem.

Mike, posso entrar? – Disse Jude, na porta.

Oi, pode sim. – Falei.

Então, já lhe avisaram, né? – Perguntou ela.

Sim, já... Não entendi muito bem, só sei que minha família vem me ver hoje. É isso? – Perguntei.

É, mas não se preocupe, estarei com você o tempo todo, haverão outros médicos também, caso algo saia de controle. – Falou ela.

O que poderia sair de controle? – Perguntei.

Qualquer coisa, qualquer coisa que alguém faça ou diga pode lhe afetar, ou talvez apareça alguém que não te deixe muito confortável, não sabemos direito, o jeito é ver parar crer. – Falou Jude. Vamos até o salão de visitas, ainda temos uns minutos. Você pode escolher o melhor sofá. – Falou ela, rindo.

O salão de visitas era, sem dúvida, o lugar mais frio da clínica inteira, acho que era pelo fato de ser espaçoso e com várias janelas, portas... Não sei.

A primeira a chegar foi minha mãe, que foi conversar com um dos médicos. Aos poucos, começaram a vir alguns parentes.



Respire, Michael, respire e mantenha a calma. – Disse Jude, que estava ao meu lado.

Vi Sara e Elizabeth passando pela porta, e, até vê-las, eu não tinha percebido o quanto eu estava sentindo falta delas. Sara e Elizabeth são duas primas minhas, e nós crescemos juntos, nós vivemos juntos durante todos os anos de nossas vidas, é como se fossemos inseparáveis. E pude notar o olhar delas ao me verem lá, e foi como se eu tivesse as decepcionado. As duas vieram, me abraçaram e sentaram do meu lado.

Como você está? – Perguntou Elizabeth.

Eu estou bem, você sabe... – Falei.

Não, você não está. E no minuto em que eu entrei pela porta, eu notei isso. – Falou Elizabeth. Vamos lá, somos praticamente irmãos, você pode nos contar qualquer coisa.

Não é nada, sério, deve ser a medicação que estão me dando, me sinto cansado o tempo todo. E agora com toda a família aqui por exatas 2 horas, sinto que vou desmaiar. – Falei.

Calma, estamos aqui, tá bem? E desculpe não ter vindo antes, sua mãe nos disse que você não queria receber visitas. – Falou Sara.

Minha mãe disse o quê? Ah, tão típico dela... – Falei.

Mãe, vem cá. – Chamei-a.

Diga meu filho. – Respondeu ela.

Da próxima vez que for dizer a alguém que eu não quero visitas, diga a alguém que não vá me contar depois. E já que tocamos no assunto, não quero mais visitas mesmo, não de você. – Falei.

Meu filho, estão todos aqui, não precisa exagerar. Conversaremos depois. – Falou ela.

Depois. – Falei.

Todos que vieram conversar comigo, pediram como eu estava, como eu estava me sentindo me sentindo, coisas do gênero. Devo ter dito “Estou bem, obrigado” umas 30 vezes hoje. E eu não estava bem. Mas todos acreditaram.

Sinto em informar, mas o horário de visita acabou, nosso Michael precisa de descanso. – Falou Jude.

Se cuida, primo. Vou tentar vir aqui essa semana te ver, tá bem? – Disse Elizabeth, me abraçando.

Digo o mesmo. Se ela vir, venho junto. Se cuida. – Disse Sara, em lágrimas, me abraçando.

Todos haviam ido.

Quando será possível dizer quando o Michael irá para casa? – Perguntou minha mãe á Jude.

Eu não tenho como lhe informar isso. Posso dizer que ele vai para casa amanhã, e aí no meio da noite ele tem uma recaída, então... Você me entende? É preciso de tempo, cuidado e paciência. – Falou Jude.

Entendo, entendo. Eu gostaria de passar a noite com ele, tem como? – Falou ela.

Tem sim, cada quarto tem um sofá, se você se sentir confortável... – Falou Jude.

Qualquer lugar está ótimo, só quero passar a noite com o meu garotinho. – Disse ela.

Tudo bem, vou providenciar que arrumem o quarto dele. – Disse Jude. Enquanto isso, faça companhia á ele.

Mike, filho. Mamãe vai passar a noite contigo hoje. – Falou ela, com a mão sob o meu ombro.

Por quê? – Perguntei.

Por quê eu sou sua mãe, e sinto sua falta. E essa Guerra Fria precisa acabar. – Falou ela.

Mãe, não tem Guerra alguma. – Falei.

Conversaremos depois. – Disse ela.

Pronto, senhora. Vocês já podem ir para o quarto, Mike, você tem remédios daqui a pouco, e vou pedir para lhe enviarem um lanche, já que você não comeu nada da sua janta, deve estar faminto. – Disse Jude.

Quarto confortável... – Disse minha mãe, examinando cada parte dele.

Dá pro gasto. Falei.

Você fica muito aqui? – Perguntou ela.

Olha só quem finalmente resolveu demonstrar interesse na vida do filho. – Falei.

Demonstrar interesse? Você que não me dava abertura, todos os

dias eu venho aqui e converso com cada médico que te atendeu, pergunto cada detalhe. – Falou ela.

E porque você não me contou isso? – Perguntei.

Não mudaria nada, você continuaria me tratando como se eu fosse um peso na sua vida. – Disse ela.

Mãe, você é a minha mãe, digo, eu saí de dentro de você, eu jamais te trataria como um fardo. – Respondi.

Então por que você age dessa forma comigo? Dói, sabia? Dói ser rejeitada pelo próprio filho. – Falou ela, em lágrimas.

Mãe, você não entende? Eu sou adolescente, tudo que você me mandar não fazer, eu vou lá e vou fazer, só para provocar, tudo que você concordar, eu vou discordar, é assim que funciona. Mas eu nunca deixaria de te amar, você é a minha mãe! – Falei, abraçando-a.

Mas antes de continuar, precisamos esclarecer as coisas. Preciso saber, se tem algo que te impede de se aproximar de mim. – Perguntei.

Como o quê? A sua sexualidade? – Perguntou ela.

Também. – Respondi.

Claro que não, você é meu filho, e ninguém machuca o meu filho, muito menos eu. Eu te amo do jeito que você é, do seu jeito, eu te amo pelo que você é, eu jamais deixaria de te amar por causa disso. – Respondeu ela. Mas por favor, se for levar algum namorado para casa, me avise algumas semanas antes, para eu ter um preparo. Disse ela novamente, rindo.

Pode deixar. – Respondi, rindo.

E ali, naquele momento, foi como se eu tivesse renascido. Foi como se tivessem tirado 50kg de pedras de minhas costas, foi como se eu pudesse recomeçar tudo de novo.

Na manhã seguinte, acordei, e minha mãe estava praticamente desmaiada no sofá ao lado. Acho que ela não andava dormindo muito bem em casa, pensei comigo mesmo.

Mãe, acorda. – Falei, cutucando-a.

Que horas são? – Falou ela, acordando lentamente.

6:15, inclusive minha medicação está atrasada. Pode apertar aquele botão ali por mim? Vai chamar alguma enfermeira.

Chamou? – Disse Jude, na porta.

Sim, minha medicação, já é 6:15. – Falei.

Houve um problema na farmácia da clínica, sumiram algumas caixas de remédios, vou pegar sua receita e já volto com os seus. – Disse ela.

Depois que eu tomar meus remédios, vá na padaria comprar seu café da manhã, dizem que o croissant daqui é ótimo, embora tudo que eu coma seja... Sei lá como chamar o que eles servem. – Falei, rindo.

Vá, compre, enquanto não trazem o meu café, daí podemos tomar juntos, como nos velhos tempos. – Falei.

Como nos velhos tempos. – Disse ela, me dando um beijo na testa.

Essa sensação de paz, era boa. Sentir como se eu pudesse depositar minha vida novamente em alguém, e esse alguém era a minha mãe.

Como minha mãe era a responsável por mim, e eu era de menor, ela tinha direito de permanecer na clínica comigo. Mostrei a ela alguns lugares, mostrei alguns dos médicos e algumas das enfermeiras que tomam conta de mim, e passeamos pelo pátio.

Mãe, venha, quero que conheça uma pessoa. – Falei, puxando-a pelo braço.

De longe, pude ver aquela senhora sentada, em um banco no fundo do pátio, era Theodora.

Theodora, quero que conheça minha mãe. – Falei.

Olá, muito prazer em conhecê-la, você tem um ótimo filho. – Disse Theodora, levantando-se.

O prazer é todo meu, e sim, concordo tenho um ótimo filho. – Disse ela.

Theodora, você andou meio sumida! Faz uns dias que não a via por aí. – Falei.

Fiquei só no meu quarto por um tempo, minha medicação foi modificada, passei alguns dias dormindo. – Falou ela.

Compreendo... Bem, vou mostrar mais alguns lugares á minha mãe por que ela vai embora ja já, quem sabe mais tarde conversamos! Te cuide. – Falei.

Sim sim, Michael, nos vemos depois. – Disse ela.

Mãe, da próxima vez que vier, tem que trazer a Greta! Faz mais de 1 mês que eu não a vejo, estou até com medo de que ela não me reconheça. – Falei.

Sério? Você quer que eu traga sua irmã? Que ótimo filho, claro que a trago, não trouxe ainda por que achei que você não queria... – Disse ela. Pode deixar, essa semana quando eu voltar, eu a trago comigo. Agora, tenho que ir Michael, deixei ela com seu pai, e sabe como é, né, então, se cuida meu filho, amo você. – Disse ela, saindo.

Prepare-se, Jude. – Falei.

Para quê? – Perguntou ela, curiosa.

Eu sairei daqui. – Falei.

Eu sei que sairá, Michael, na hora certa. – Falou ela.

Sim, na hora certa, mas a hora certa pode estar mais perto do que você imagina. – Falei.

Se você diz, fico feliz em saber. – Disse ela.

CAPÍTULO 6: TEMPOS BONS

Passei os últimos dias me focando em coisas boas. Pensando positivamente. Pensando que finalmente algo daria certo, pensei que finalmente eu realmente melhoraria e poderia voltar para casa. Acontece que eu estava pensando errado. Mas nada que não fosse irreversível. É só eu continuar no mesmo ritmo de vida, tomando todos os meus remédios, comparecendo aos encontros e participando. Talvez tudo acabe logo.

Michael, você tem visita. – Disse Jude.

Tudo bem, vou para o salão em alguns minutos. – Falei.

Quando cheguei no salão, era Joan. Que pulou em mim com um abraço.

Meu Deus! Meu Deus que saudade! – Dizia ela, enquanto me abraçava.

Sinto sua falta também, muita! – Falei. Você demorou um pouco para aparecer...

Desculpe-me, de verdade, a minha vida, ela está de cabeça para baixo. Minha irmã descobriu tudo, sabe de tudo, e está me privando de tudo. Espero que seja só questão de tempo. – Falou ela.

É questão de tempo, acalme-se. – Falei.

Tem razão. Agora vamos falar sobre o que importa, sobre você. Como você está? Estão te tratando bem aqui? Quando você vai pra casa? – Perguntava ela.

Calma, calma! Uma pergunta de cada vez, enquanto você está hiperativa, eu estou quase dormindo com todos esses remédios, tenha

paciência. Estou bem, na medida do possível, como sempre. Sim, me tratam muito bem aqui, e não sei quando vou para casa. Lamento, eles não tem como me darem uma data fixa, por que qualquer coisa pode mudar a qualquer momento, você sabe. – Falei.

Entendo. Ah cara, como você faz falta naquela escola! – Disse ela. Conte-me como andam as coisas por lá. – Falei.

Então, a Jennifer começou a espalhar para a escola toda que veio lhe visitar e que você estava amarrado numa camisa de forças, todo machucado, com os braços enfaixados, literalmente louco, mas Cornelia armou a maior cena e a pôs no devido lugar dela. O resto, bem, tudo está normal, exceto pelo fato de você não estar lá para deixar as coisas pelo menos divertidas. Você faz falta, Mike, mais do que imagina, e mais do que a gente consiga expressar em palavras. – Disse Joan.

Típico... Ah meu bem, você também faz falta, vocês fazem, ou você acha que é fácil ter que me adaptar a uma casa cheia de estranhos mais velhos do que eu? É difícil, mas eu tento me virar. – Falei.

Que bom, é muito bom saber, por que até agora, as únicas notícias suas que eu tive foram as que Cornelia me passou e as que Jennifer inventou. Ah, e a carta que você respondeu da Anne. – Disse ela.

Sim, sim... – Falei.

E não se preocupe, o que a Jennifer espalhou já foi abafado, conseguimos tirar de circulação antes que causasse algo maior. – Falou ela.

Imaginei que vocês já haviam tomado conta disso. – Falei, sorrindo.

Bem, Mike, eu tenho que ir. A moça da recepção me disse que eu não tinha muito tempo mesmo, e eu só precisava te ver, ver que você estava bem. Eu voltarei, tá bem? Se cuida. – Falou ela, saindo.

Ótimo, outra visita que passou, quem sabe agora posso descansar o resto do dia. Pensei comigo mesmo e fui para o meu quarto. Deitei, escureci as janelas e dormi. Fui acordado 2 ou 3 vezes para tomar meus remédios, mas fora isso, continuei dormindo. Achei mais fácil dormir do que esperar o tempo passar lentamente, enquanto eu não faço nada.

No terceiro dia, junto com o meu café da manhã, veio uma carta. Era de Joshua.

“Me desculpe por não estar aí por você, nessa fase difícil da sua vida que eu tanto tentei te apoiar. Mas espero poder te recompensar. Estou te mandando isso de um endereço onde estou imediatamente abandonando, afinal, não posso ser pego, certo? Haha. Espero te ver um dia, Mike, quem sabe você não se junta a mim? Podemos curtir nossas férias em qualquer lugar do mundo! Mantereí contato, por mais que seja difícil, tentarei lhe escrever até saber que você virá. Abraços, Joshua.”

Belisquei meu café da manhã, apenas para dizer que comi alguma coisa, caso contrário passariam o dia pegando no meu pé.

Passei a tarde deitado na minha cama. De lado, de barriga para cima, de barriga para baixo, de cabeça para cima, de cabeça para baixo, de pernas para cima, de todos os jeitos. Essa era a minha nova tática de matar tempo, mas que não funcionava.

Michael, preciso brincar de escola contigo. Tá, isso soou de um jeito totalmente estranho. Preciso que você escreva uma redação, no mínimo 20 linhas. Defina seu tempo aqui, defina como se sentia, defina como se sente, e defina o agora. Passo buscar mais tarde. – Disse Jude, me entregando uma folha e uma caneta.

Uma redação... no mínimo 20 linhas...

“Primeiramente, cheguei aqui com o propósito de me curar. Sem totalmente saber do que eu precisava ser curado, o que foi sendo aprofundado conforme os dias passavam. No começo, eu era apenas um peso ambulante, vivia dopado de remédios, não conversava com ninguém, não sentia necessidade de sair da cama, de sair do quarto. Essas coisas foram mudando conforme aos poucos, conforme eu ia me ajustando á rotina da clínica. Várias pessoas vieram me ver, amigos, amigas, familiares, pessoas que vinham com o intuito de me confortar e saber que havia vida fora dali novamente. Mas eu já sabia disso, eu sempre soube disso, o problema é que eu não estava preparado para a vida que eu voltaria a viver quando saísse daqui. Hoje, faz exatamente 1 mês e 27 dias que eu estou aqui, o que são quase 2 meses. Houve progresso? Houve. Melhorei bastante em alguns aspectos, acertei minhas pendências em questão de convivência com a minha mãe, coloquei algumas das coisas erradas na minha cabeça em ordem, tentei me por em ordem. Durante esse tempo, esses quase 2 meses,

houveram episódios, claro. Tive uma recaída, passei dias na enfermaria da clínica, precisei fazer pontos nos braços, mas quem nunca né? E agora, encontro-me nessa encruzilhada, pronto para começar a fazer progresso para sair daqui mas ainda assim com a eterna dúvida em questão de sobrevivência, muita coisa lá fora deve ter mudado enquanto eu estava longe, muita coisa aconteceu. Como é que eu vou me encaixar em tudo de novo? Como é que eu vou, assim, do nada, me ajustar novamente a minha vida? É impossível! Eu vim para cá com o objetivo de me remoldar, criar uma nova pessoa, um novo Michael. E é isso que eu estou tentando começar a fazer, provavelmente da forma errada, mas é errando que eu vou saber que devo acertar. A questão que realmente está em jogo aqui é se eu estou realmente preparado para me tornar a pessoa que eu pretendo, e se eu vou conseguir voltar a vida que eu tinha, antes disso. Me sinto perdido, me sinto exatamente como eu me sentia no dia que eu entrei aqui, mas de um jeito diferente, agora. Eu amadureci, mas ainda não foi o suficiente.”

Algumas noites eu fico acordado pensando no azar que eu tenho, mas também tem noites que eu acho que é algo que deixa eu e a vida “quites”. Às vezes eu penso que seria melhor se eu desmoronasse, as vezes eu penso que seria mais fácil não tentar mais. Como eu estava cansado de tentar á 2 meses atrás, estou cansado de tentar agora, de novo. Estou no mesmo lugar que eu estava? Não consigo nem por minha cabeça em funcionamento para cogitar essa hipótese, por que apenas... Não. Não posso. Não devo. Não estou.

Michael, sua redação. – Disse Jude, entrando no quarto.

Claro, está ali em cima do balcão. – Falei.

Tudo bem, vou entregar essas ao Dr. e ir para casa, hoje não tenho plantão, portanto, não apronte nada! Vá dormir, descanse. Quantas vezes vou ter que repetir isso á você? Você precisa.

Céus, se não é minha mãe, é você. Não se preocupe, tentarei dormir. – Respondi.

Essas tentativas frustradas de conseguir dormir estão começando a me irritar. É irritante ficar numa cama, rolando de um lado para o outro, olhando para o teto, para o chão, para a janela, para o nada. E então apertei a campainha de emergência.

Do quê você precisa? – Perguntou uma enfermeira, não era a Jude, o que me deixou desconfortável.

Não consigo dormir, tem algum remédio que vocês possam me dar? – Perguntei.

Deixe-me verificar... Aqui está, vai lhe fazer dormir igual uma pedra. Tome. – Disse ela.

E então eu apaguei.

Acordei, longas horas depois. Minhas costas doíam, estava me sentindo um velho. Decidi que iria me focar em alguma coisa para passar o dia, por que do jeito que os outros andaram passando, vou acabar enlouquecendo. Quando saí do meu quarto, vi que muitos pacientes resolveram ficar fora de seus quartos hoje, vi gente que eu, em mais de 2 meses não havia visto ainda. Tentei conversar com alguns, me apresentei, fui sociável. Embora ainda não seja o suficiente.

Minha vida havia parado. Sem inimigos para chamar de meus, sem compromissos, sem precisar estudar, sem fazer nada, absolutamente nada. Tudo o que eu tinha que fazer era acordar e ser eu durante o dia. Se bem que, já é algo bem exaustivo. Era uma vez outra vez... Sabe, você pode ser incrível se quiser, e nada vai te machucar. Honestamente, necessito me ver corajoso de novo.

Por gentileza, todos os pacientes que fazem parte do grupo de hoje a noite, me sigam. – Disse um enfermeiro.

Por sorte, ou por azar, eu era um deles.

Então, uma boa noite á vocês, faz um tempo já que não nos vimos. – Falou a psicóloga.

Pois é... – Todos falaram, em diferentes sintonias.

Alguém tem algo para me contar? Alguém se manifesta? Caso contrário, terei que escolher... – Falou ela. Não? Então tá certo... Michael! – Disse ela.

Bingo. – Falei. Manda ver, doutora.

Diz aqui que você teve uma recaída, pode me contar um pouco sobre o que houve? – Perguntou ela.

Olha, sinceramente, estou cansado, exausto, com sono, e com a mínima vontade de passar à você o que já passei à outros. Deixe-me resumir: Talvez vocês precisam mudar minha medicação.

Entendo... Mas o que te levou a fazer o que você fez? – Perguntou ela novamente.

Eu realmente não sei... A única coisa que eu me lembro é de ter acordado no meio da noite. – Falei.

Pois bem. Alguém mais? – Pediu ela.

Eu... Eu gostaria de falar. – Disse uma menina. Mas não sei como, digo, desculpe lhe interromper, não tenho nada á falar. – Terminou ela.

Tudo bem... Vou eu falar então. Se meus registros procedem, cada um daqui está nessa clínica há quase 3 meses. Vocês não acham que a hora de sair está chegando? Como vocês se sentem sobre isso?

Eu me sinto assustado. Não sei o que é que eu irei enfrentar quando estiver fora daqui. As coisas mudam, as pessoas mudam, o que era uma vez, não é mais. – Falei.

Todos concordam com o Michael? – Perguntou ela, vendo todos assentirem com a cabeça.

No dia seguinte, alguns médicos vieram até o meu quarto.

Michael, estamos na sua última semana. A partir de agora, você receberá alguns remédios a mais e algumas injeções. E então, você irá para casa. – Disse o Dr. Freed

Casa... Soou até estranho. – Falei.

Eu entendo, sei bem como é, todos os pacientes que ficam aqui por “bastante” tempo se sentem assim. É normal. – Disse ele novamente.

É, eu sei que pode ser estranho. Mas você consegue. – Disse o Dr. Nilson.

Tudo bem. Tudo bem. Alguém pode, por favor, ligar para minha mãe e mandá-la para cá? Preciso conversar com ela. – Falei.

Providenciaremos isso. – Falou ele, saindo pela porta, junto dos outros.

Michael, oi. Quando me ligaram eu já estava aqui. Então, o quê foi? – Perguntou ela.

Irei para casa daqui uma semana. – Falei.

Sim, eu sei. Que bom né filho. – Disse ela.

Sim, sim. Então. Quero pintar o cabelo. – Falei.

Por quê? – Perguntou ela.

Mãe, estou saindo de um hospital mental, como uma nova pessoa. Vim para mudar, mudei. Agora falta esta última coisa. – Falei.

Tudo bem, vou entrar em contato e ver algum salão que venha para cá. – Disse ela.

Em algumas horas, meu quarto estava parecendo um salão de beleza. Havia escovas, tesouras, cremes, tintas, produtos por todo lado.

Olá, Michael. Meu nome é Ruan, e ficarei contigo o dia todo. – Falou ele. Essa é a minha assistente, Cassie, que ajudará durante o processo.

Certo, prazer! Aos dois. – Falei.

Então, o que você tem em mente? – Perguntou ele.

O corte, bem, quero algo selvagem, mas com um pouco do “garotinho de ouro” ainda. Não sei como explicar, uma franja por cima de outra, navalha, e um grande topete. Para cima, não para o lado. – Falei.

Acho que entendi... Vou começar, e você me corrige se algo sair diferente, certo? – Perguntou ele.

Certo. – Assenti.

E então? – Perguntou Ruan.

Perfeito! – Falei.

Então agora, vou lavar, e depois vamos pintar. – Disse ele. Você já tem em mente que cor quer, ou quer ajuda? – Perguntou ele.

Eu tenho em mente, é um castanho puxado para o ruivo, com alguns tons diferentes. Mas se eu achar em alguma revista, ficaria melhor. – Falei.

Tome, aqui, algumas revistas de corte masculino. – Disse Cassie, me alcançando algumas revistas.

Obrigado! – Assenti, sorrindo.

Essa! Essa é a cor, um pouquinho, mais forte em algumas partes, mas é essa a cor. – Falei.

Então tudo certo, vamos pintar! – Disse ele.

Ruan e Cassie passaram a tarde toda no meu quarto, pintando, cortando, arrumando.

Vamos tirar a touca agora, secar e ver como está. – Falou Ruan.

E então? – Perguntou ele novamente.

Ficou exatamente como eu queria! – Falei.

Que bom! Agora, acho que devemos ajustar a cor das suas sobancelhas com a do cabelo. – Falou.

Concordo. – Assenti.

Depois de várias horas, estava tudo pronto.

Vamos chamar sua mãe para ver o resultado final. – Falou Cassie.

Quando minha mãe entrou no quarto, foi o oposto do que eu esperava.

Ficou ótimo! Mesmo. – Falou ela.

Sério? Pensei que você odiaria e mandaria-os rasparem minha cabeça. – Falei, rindo.

Mas por quê? Digo, está ótimo! Parece outra pessoa. – Disse ela.

Que bom, pois é a impressão que eu quero passar. Novo cabelo. Nova atitude. Mal posso esperar para voltar para casa. – Falei.

Hoje é terça-feira, você vai para casa na quinta. – Falou minha mãe. Já está tudo arrumado, lá em casa.

Bom, acho que o dia de estética do Michael já acabou, ele precisa tomar seus remédios e descansar. – Disse Jude enquanto tiravam tudo do quarto.

Bonito cabelo. – Disse ela.

Gostou? – Perguntei.

Claro que sim, ficou ótimo em você. – Falou ela.

Você está mesmo preparado para voltar para casa? – Perguntou ela.

Estou, claro que estou. Falo sério. – Falei.

Bom saber, não quero que você vá arrastado ou algo do tipo.

Não, não. Não se preocupe com isso, estou totalmente disposto a voltar para casa. – Falei.

Que bom! Então, tome seus remédios e durma, amanhã é seu último dia aqui. – Disse ela.

Após tomar meus remédios, eu simplesmente apaguei. Deve ter sido toda a movimentação do dia que me deixou exausto.

No dia seguinte, eu estava completamente preparado para passar pelo dia sem nenhum dano colateral. Era hora de ir para casa. E eu sabia disso.

Bom dia! – Disse Jude, entrando em meu quarto com o café da manhã e alguns comprimidos.

Bom dia! – Respondi, alegre.

Que felicidade é essa? Perguntou ela, nunca te vi assim antes.

Acho que é pelo fato de eu estar indo para casa. Já estava na hora... – Falei.

Certo. Tome seus remédios e coma, por que depois você tem uma reunião com o Dr. Hood.

Reunião? – Perguntei.

É, mais ou menos isso, ele vai lhe avaliar, vai ver como era antes e como é agora, e te liberar. Eu acho. – Disse Jude.

Tudo bem, tudo bem... Estou perfeitamente bem, e mostrarei isso para ele. – Falei.

Então vamos que ele lhe aguarda. – Disse ela.

Ao andar pelos corredores e pelas salas, eu pensava comigo mesmo: Você conseguiu. E eu havia mesmo conseguido, foram 2 meses e 17 dias de internação, e agora eu estava pronto para voltar.

E então, eu recaí. Mais uma vez. Mas desta vez eu esconderia, caso contrário, continuaria aqui. Eu pude sentir cada corte, cada gota de sangue que escorreu de minhas pernas, mas desta vez eu fui cuidadoso, não desleixei como da outra vez. E dessa vez, ninguém iria saber. Ninguém podia saber. Eu estava bem. Sob todos os efeitos e circunstâncias, eu estava bem. E eu iria para casa.

Olá, Michael. Não sei se você se lembra de mim, mas sou o Dr. Hood, lhe visitei uma vez.

Olá, ah sim, claro, lembro. – Falei.

Então, vamos? Pode sentar-se ali. – Falou ele.

Tá certo. – Respondi.

Então, Michael, você passou um bom tempo aqui conosco, não é mesmo? – Perguntou ele.

Sim, 2 meses e 17 dias. – Falei.

E você acha que esse tempo foi o suficiente? – Perguntou ele novamente.

Não sei como explicar o que estou sentindo, mas sinto que sim, sei que sim. Foi o suficiente e eu estou pronto agora.

Bom ouvir isso, muito bom. – Falou ele. Então, com a medicação certa por um limitado tempo, você pode voltar á sociedade.

Terei que tomar esses remédios até quando? Por favor, não me faça depender disso a vida inteira. – Falei.

Calma, Michael. – Disse ele, rindo. São só por alguns dias, para vermos se você está realmente apto a voltar a sua vida.

Ah sim, entendi agora. – Falei.

Então, diga-me, você prefere dormir aqui hoje ou passar a noite na sua própria cama? – Perguntou ele.

Preciso mesmo responder? – Falei, rindo.

Tá certo então, seus papéis estão sendo encaminhados, tem enfermeiras no seu quarto agora, organizando sua mala, e tudo mais. Sua mãe já está vindo lhe buscar. – Disse ele.

Sério? – Perguntei, surpreso e feliz ao mesmo tempo.

Sim, mas uma coisa, Michael. Qualquer alteração, qualquer coisa que acontecer, você ligue, você entre em contato com nós. Tá bem? – Falou ele. Foi bom tê-lo aqui por esse tempo, Michael, você realmente é um bom menino.

Obrigado, eu acho. – Falei, abraçando-o.

Mas, antes de ir, eu gostaria de me despedir de uma pessoa. – Falei.

Quem? – Perguntou ele.

Theodora, é uma paciente daqui. – Falei novamente.

Tudo bem, vou mandar alguém levá-la ao pátio e você vai lá se despedir, certo? – Perguntou ele.

Certo. – Assenti.

Andei até o pátio, e lá estava ela. No mesmo banco de sempre.

Theodora, oi! – Falei, sorrindo.

Olá, garoto! – Disse ela, alegre.

Vim me despedir. – Falei.

Você vai ir embora? – Perguntou ela.

Vou sim, daqui a pouco, mas não podia ir sem me despedir de você. – Falei.

Que amor da sua parte, Michael. – Disse ela.

Quero que você fique bem, ouviu? E ainda quero lhe ver lá fora, quando você sair, vamos tomar chá juntos, que tal? – Perguntei.

Claro que sim! Mal posso esperar. – Disse ela.

Então, acho que é isso. Bem, tchau Theodora, se cuide! – Falei, abraçando-a.

Se cuide também garoto. – Disse ela.

Minha mãe, que me esperava na recepção enquanto assinava alguns papéis, me abraçou e carregou minhas malas para o carro.

Então... Acho que é isso. – Falei.

É, Michael. Boa sorte na sua vida. Espero te ver de novo, mas não aqui. – Disse Jude.

Digo o mesmo! – Falei, abraçando-a.

E então, eu fui. Quase 3 meses de recuperação, será que foi o suficiente? Será que eu realmente estou pronto para viver em sociedade novamente? Eu tinha um plano, na minha cabeça, perfeitamente elaborado, e eu era uma nova pessoa, uma pessoa pior, de certa forma, mas do jeito bom. E agora? O que me restava? O que me aguardava fora daquele lugar?



CAPÍTULO 7: BOAS? VINDAS

Parece diferente. Sei lá, pequeno, ou maior, mas parece diferente.
– Falei, da porta do meu quarto.

Trocamos todos os móveis, Michael. – Disse minha mãe.

Percebi... Cama maior, agradável. – Falei. Obrigado.

Você não precisa agradecer. Quem precisa agradecer por te ter de volta em casa sou eu! – Disse ela.

Que exagero, mãe. – Falei, rindo e abraçando-a. Bem, vou desfazer as malas e quem sabe tomar um banho, não sei.

Faça isso, e dê uma checada no envelope que está em cima da sua cama. Até mais tarde. – Disse ela.

Envelope... – Falei. Ah, aquele ali.

“Você está cordialmente convidado para o jantar entre família e amigos em homenagem à Michael Ridders. Dia 26-04-13, no salão principal do clube Caixerai. Contamos com a sua presença!”

Mas que... Dia 26 é amanhã... Mãe, o que é isso? Que palhaçada é essa? – Perguntei.

Meu filho, você esteve em um hospital mental por quase 3 meses, as pessoas precisam ver que você está melhor agora. – Falou ela.

Sim, mas um jantar? É mesmo necessário? – Perguntei.

Não se preocupe meu filho, vai ser ótimo! – Falou ela.

É... – Falei.

Um jantar. Em homenagem á mim... Em homenagem a minha melhoria... Realmente não sei mais o que fazer com a minha mãe,

mas tudo bem. Passarei por isso, acenarei, abraçarei, sorrirei, apertarei mãos e tirarei fotos. Estarei bem. É isso que querem de mim, é isso que vão ter de mim.

Desfiz minha mala, tomei um longo banho... Como eu sentia falta do chuveiro daqui de casa, pensei comigo mesmo. Belisquei alguma coisa e fui para a cama. Ah, cama... Como é confortável deitar em algo que não seja a cama do meu quarto na clínica.

No dia seguinte, minha mãe me acordou, cedo, com café da manhã na cama, e aparentemente, com uma agenda de compromissos.

Michael, você precisa ir comprar uma camisa nova, para hoje a noite. – Falou ela.

Ah, claro, me leve então. – Falei.

Sim, mais tarde. Você precisa ir ao salão... – Falava ela.

Mãe, eu acabei de pintar meus cabelos, o que diabos eu vou ir fazer em um salão? – Perguntei.

Arrumar, ué. – Disse ela. Você tem horário marcado, as 15:30.

Tudo bem... – Falei.

Agora vamos, coma, e levante. Tome banho e vista uma roupa, vamos ao centro em busca da camisa perfeita. – Falou ela.

Esse entusiasmo todo que mantinha minha mãe funcionando estava começando a irritar, mas uma palavra errada e ela desabaria, prefiro manter o mesmo ritmo que ela.

Passamos duas horas inteiras em busca da “camisa perfeita” que ela queria, e encontramos. Era rosa, com detalhes brancos.

Tudo bem, agora vou lhe deixar no salão e ir também, tenho horário as 15:45 em outro salão, depois passo te buscar, tá bem? – Falou ela.

Tá certo, mãe. Mas antes, respire! É só um jantar para oficializar a minha volta, não é grande coisa... – Falei.

O jantar estava marcado para as 21:00, e já eram 19:00, ou seja, minha mãe estava enlouquecendo enquanto se arrumava.

Preparei uma entrada para você, primeiro vou falar algumas palavras, e depois você entra. Tem algumas amigas suas que gostariam de dizer algumas coisas também. Parece até uma festa. – Disse minha mãe.

Pois é, mãe, parece que você adiantou meu aniversário. – Falei.



Fique quieto e se preocupe em se arrumar.

O salão estava cheio, havia em torno de 25 mesas ao redor da “pista de dança” e todas estavam cheias. Estava curioso para saber quem estava ali, não conseguia enxergar muito de trás da cozinha. E então ouvi a voz da minha mãe.

Senhoras, senhores, familiares, amigos, obrigada pela presença de todos vocês. Hoje marca um grande passo em nossas vidas, na vida de minha família, meu querido, meu filho Michael terminou de passar por um tratamento que durou cerca de 3 meses, o que não foi fácil para mim. Mas agora, o tenho de volta, e gostaria de compartilhá-lo com todos vocês. Por favor, Michael, junte-se a nós.

Saí de trás de uma cortina, e todos aplaudiam, gritavam, assoviavam, faziam de tudo. A maior surpresa deve ter sido o meu cabelo, que ninguém havia visto ainda.

Hm. Bem, obrigado pela presença de todos nesse exagerado mas de bom coração jantar que minha mãe organizou em homenagem a mim. É bom estar de volta, muito bom. – Falei, com um tom de ironia misturado com ameaça.

Durante uma hora, algumas pessoas usaram o microfone, deixaram mensagens carinhosas, me deram as boas-vindas, disseram coisas adoráveis.

Depois do jantar, havia música, e espaço para dançar, o que me deu tempo para realmente conversar com algum amigo meu, porque até então, eu estava preso em uma bolha chamada família.

Meu Deus, como é bom te ter de volta. – Disse Cornelia, me abraçando.

Senti sua falta, e agora estou aqui, e você também. E você sabe o que isso significa. – Falei.

Claro que sei. Aquela escola jamais será a mesma. Mal posso esperar pela segunda-feira, você retorna segunda, certo? – Perguntou ela. E você viu quem está aqui? A Jennifer!

Sim, segunda... E, o que? Aonde ela está? – Perguntei.

Naquela mesa ali. – Disse Cornelia, apontando.

Vamos dizer oi. – Falei.

Olá, querida. – Falei.

Olá, Michael. – Falou ela.

Eu disse que eu sairia... – Falei novamente.

Pois é, você disse mesmo! – Falei.

E, esse jantar é em homenagem á mim, então eu acho que você conhece a saída. Não conhece? – Perguntei.

Você está me mandado embora? – Perguntou ela.

Considere isso um convite. Se recusar, ficarei feliz em lhe apresentar a algum dos seguranças daqui... – Falei.

Pode deixar, eu saio. Nem queria estar aqui mesmo, jantarzinho de nada. – Falou ela.

Quero ver sua família conseguir pagar por 25% desse jantarzinho de nada, querida. – Falei.

Jennifer não respondeu, apenas virou as costas e foi embora.

Meu Deus, como é bom ter você de volta! – Falou Cornelia.

Eu sei, né? – Falei.

Durante todo o baile/festa conversei com algumas pessoas, algumas amigas, algumas pessoas vieram pedir como eu estava e elogiaram o meu cabelo, o que foi bom, certo? Mas uma hora cansa. Eu estava cansado. Era hora de ir para casa e dormir, dormir e dormir...

Você sabe quem foi convidado e não veio? – Perguntou Cornelia.

Quem? – Perguntei.

Ele. – Falou ela.

Ah. Mas por quais motivos ele viria? Era de se esperar. Relaxa, Cor. – Falei.

Eu sei, mas... – Falava ela.

Mas nada. Ei, vou chamar um taxi e vou para casa, estou exausto. Nos vemos segunda-feira! – Falei.

Após chegar em casa, eu dormi, dormi muito, praticamente desmaiei. Minha cama era tão confortável e eu havia esquecido disso. Quando mal me dei conta, já amanhecia segunda-feira.

É hoje. Pensei comigo mesmo. Fiquei meia hora decidindo o que iria vestir, arrumei minha mochila, mergulhei em uma caneca de café e fui para a escola. Claro que, hoje, sendo meu dia de volta, minha

mãe estava indo comigo, acertar as coisas com a direção escolar e coisas do tipo.

Ao entrar pela escola, ainda de óculos escuros, pude notar que algumas estudantes viram que era eu, e espalharam para outras, e para outras, e logo a escola toda estava sabendo.

Vocês ouviram? – Perguntou Anne.

O que? – Perguntou Mikaela.

Todos estão falando que o Michael voltou. – Falou Anne.

Na direção, estava eu e minha mãe esperando para conversar com a coordenação da escola.

Michael, você voltou! – Disse a diretora quando me viu, me abraçando.

Olá, Sra. Ridders. – Disse a diretora.

Então, vamos ao que interessa. Michael, você ficou 3 meses afastado da escola, perdeu praticamente um trimestre inteiro, mas como o seu caso era explicado, havia atestado e toda uma situação em volta, deixamos em aberto. Você poderá recuperar suas notas através de trabalhos avaliativos, pesquisas, apresentações, atividades em aula. Não podemos cobrar provas pelo fato de você não ter o material, e é impossível você aprender o material de inúmeras matérias. Acho que é isso... Espere o sinal bater e pode subir.

Acho melhor você me acompanhar, Diretora. – Falei.

Tudo bem, espere o sinal. – Falou ela.

Eu não estava nervoso, de maneira alguma. Eu estava confiante e sabia que no momento em que eu subir as escadas, todos saberiam que eu estava de volta.

O sinal tocou, então calmamente eu subi, junto da diretora, e ela bateu na porta.

Professora, achei um aluno perdido por aí. – Falou ela.

Com licença, professora. – Falei. E então, eu entrei.

Os olhares e os sussurros que dominaram a sala de aula eram claramente visíveis.

Sente-se aqui, Mike. – Disse Cornelia, puxando uma classe e uma cadeira.

Cada aula que passava era a mesma coisa. Entrava um professor, ficava surpreso por eu estar de volta, algum aluno falava alguma coisa, e assim ia.

Na hora do intervalo, não foi diferente. Todo mundo olhava para mim, todo mundo comentava entre si.

Relaxa, não é como se você esperasse que isso não fosse acontecer.
– Disse Joan.

Eu sei, mas é chato. Tudo bem, eu entendo, fiquei por 3 meses, mas as pessoas podiam disfarçar... – Falei.

Concordo! – Disse Cornelia, chegando.

As meninas estão estranhas comigo. – Falei.

É obvio, você ficou longe por tempo demais, Michael, vai levar dias para as coisas se ajustarem. – Falou Cornelia. Mas você tem nós.

Sim, tenho vocês. – Falei.

E foi assim durante a semana toda, era como se todo mundo tivesse vontade de vir perguntar onde eu estava mas ninguém tinha coragem.

Vejo que muita coisa mudou por aqui. – Falei.

Pois é, você ficou fora por muito tempo. – Falou Anne.

Aparentemente. – Falei.

Mas relaxa, logo tudo volta ao normal. – Falou Anne novamente.

Ou terei que botar cada coisa no seu devido lugar. – Falei.

Na sala de aula, Jennifer e Molly estavam sentadas perto o suficiente para mim pegar alguma doença, então me levantei.

Por gentileza, dá para vocês sentarem, sei lá, em qualquer lugar que não seja aqui? Perto demais, posso pegar doença. – Falei.

Claro, ninguém aqui vai querer que você pegue doença, vá que você tenha que voltar... – Dizia Jennifer.

Não ouse. Ou eu faço um colar com os teus dentes. – Disse Cornelia.

Você não me assusta, Cornelia. – Disse Jennifer.

Tem certeza que não? – Perguntou ela.

Tenho. – Falou Jennifer.

E se eu contar para todo mundo como você adora dormir com o advogado do seu pai? – Falou Cornelia.

Jogando baixo... Assim como você. Baixa. – Falou Jennifer.

Qual é, Jennifer, você cutuca e depois recua? Vamos lá, me dê o seu melhor. – Falou Cornelia.

Eu juro que acabo contigo se isso vazar. – Falou Jennifer.

Ah é? E como você vai fazer isso? Por que eu vou adorar assistir. – Falou Cornelia.

Vamos sair daqui, Molly. – Falou Jennifer.

Ei, Jennifer. Mais uma coisinha. Você pode não ter medo da Cornelia, mas de mim você tem. Portanto, mantenha distância. – Falei.

Você não tem o direito de dizer onde eu posso ou não posso estar, Michael. Faz 3 meses que você não vinha para a escola, muita coisa mudou. – Falou ela.

Estou ciente de que as coisas mudaram, mas elas vão voltar aos trilhos rapidinho. – Falei.

Querem ir lá para casa depois da aula? – Perguntei.

Claro. – Falou Cornelia.

Pode ser. – Disse Anne.

Sim sim. – Falou Joan.

Então, Michael. Como você está? – Perguntou Joan.

Estou bem. – Falei.

Se isso foi só para sair de lá, você não precisa fingir para nós. – Falou Anne.

É sério, estou bem. – Falei.

Então o que mudou? – Perguntou Cornelia.

Eu decidi que não seria mais a vítima. – Falei.

Vítima? Mas eu nunca fui a vítima. Eu sempre tive tudo sob o meu controle. Acho que a maioria do tempo em que eu passei longe, as coisas mudaram mesmo. Mas eu não sou nenhum santo, e nenhuma vítima, não vou simplesmente abaixar a cabeça e viver como querem que eu viva. Minha vida. Minhas regras.

Ficou tarde e as meninas foram embora. Sozinho. De novo. Mas eu gostava disso, não como eu gostava antes, lá no início, mas eu gostava. Era bom, apenas se enxergar em um reflexo, e refletir, pensar, decidir o que fazer. Eu já considerei fugir, mas fugir não seria a saída,

minha mãe colocaria toda a polícia possível atrás de mim, e não acabaria bem. E agora parece que eu ando em círculos, mas me disseram que é isso que chamamos de vida.

As vezes é preciso mudar, sabe? É como se você fosse uma taça de vidro, e tivesse quebrado. Colou os pedaços de novo, tentou arrumar. Conseguiu? Não. Por que depois que algo ou alguém quebra, jamais será a mesma coisa de novo. Eu mudei, eu me forcei a mudar, e é isso que restou de mim.



CAPÍTULO 8: COMEÇAR DE NOVO

Era quarta-feira de manhã, e estava frio, inexplicavelmente frio. Minha mãe havia pedido para mim ir ao supermercado para ela, e como eu não tinha muita escolha, acabei indo.

Como os carrinhos de mercado são ruins, pensei comigo mesmo. Era difícil andar em linha reta com ele, até que eu finalmente consegui bater em outro.

Meu Deus, me desculpe. Sou um desastre. – Falei.

Que nada, foi só uma batida, e uma garrafa de leite que explodiu. – Disse ele.

Hahaha droga, aqui, deixe-me ajudar a passar as coisas para outro carrinho. – Falei.

Tudo bem, não tem problema. Não precisa. – Falou.

Mesmo? – Perguntei. Como posso lhe retribuir então? Afinal, explodi seu leite! – Falei, rindo.

Você pode me retribuir indo tomar café comigo. – Falei.

Claro... Quando? – Perguntei.

Hoje á tarde. No café do Shopping, as 16:00. – Falou ele.

Tudo bem, estarei lá. – Falei.

Havia eu acabado de marcar um encontro?! Meu Deus, nem sei o nome dele, tudo o que sei é que eu quase desmaiei com aqueles cabelos escuros e olhos azuis, com aquela voz, com aquele perfume... Meu Deus, amor a primeira vista!

Logo terminei as compras e fui para casa. E em casa, bem, as horas não passavam! Queria poder ir logo, encontrá-lo e passar horas

conversando com ele. Jamais me cansaria de ouvir aquela voz o dia inteiro.

Comecei a me arrumar pelo menos umas duas horas antes, eu estava ansioso. Aquela sensação boa de primeiro encontro, aquelas borboletas no estômago.

Cheguei no shopping era 16:00, e tinha que descer até o café. Pensei em ir por outro lado para ver se ele já estava lá, odiaria ter de sentar sozinho e esperar por ele.

Lá estava ele... Com uma camisa azul, o mesmo cabelo bagunçado de antes cedo, ah... Ele era perfeito.

Sem jeito, fui até a mesa onde ele estava, o cumprimentei com um abraço e sentei.

Passou pela minha cabeça agora que nem o seu nome eu pedi. – Falei, rindo e tentando me manter distraído em outra coisa que não fosse aqueles lindos olhos.

Meu nome é Jeremy. E o seu, qual seria? – Perguntou ele, sorrindo.

Que sorriso lindo, meu Deus, eu provavelmente entrarei em convulsão.

Michael, meu nome é Michael. – Respondi.

Bonito nome, como você. – Disse ele.

Eu estava definitivamente quase tendo um Acidente Vascular Cerebral. Pensei comigo mesmo, idiota.

Obrigado, eu acho. – Respondi, totalmente sem jeito.

Mas então, o que você vai querer? É por minha conta, eu que convidei. – Falou isso.

Deixa disso, eu pago pelo meu. – Falei.

Não, me recuso a deixar você pagar. Cavalheirismo ainda existe, tá? – Disse ele, rindo.

Tudo bem, tudo bem... Pode ser o mesmo que você for pedir. – Falei.

Enquanto ele ia até o caixa, tudo o que eu tentava fazer era me distrair e não ficar encarando-o. Ele era perfeito, em todos os sentidos. Meu Deus, o que estava acontecendo comigo? Eu sei que esse bla bla bla de amor a primeira vista existe, em alguns casos. Seria esse um desses casos?

Durante quase duas horas ficamos alí, conversando. Cada um contava um pouco do outro, surgiam novos assuntos, tudo perfeito.

O que você acha de dar o fora daqui? - Falou ele. Podemos ir andando até o parque.

Pode ser. - Falei.

Enquanto caminhávamos pelo parque ele contava coisas engraças, que me faziam rir. Ele era divertido e engraçado. Já havia passado das 20:00

Não quero ser chato, mas preciso ir. - Falou ele.

Tudo bem, também preciso. - Falei.

E aquele momento foi um dos mais estranhos do dia, pelo fato de nenhum saber o que fazer.

Você tem meu numero e eu tenho o seu. A gente se fala. - Disse ele.

E então ele me abraçou e me beijou... Na testa. Foi a coisa mais romântica do dia inteiro, e eu praticamente perdi o controle das minhas pernas, achei que ia desmaiar.

No dia seguinte, eu estava contando para Cornelia o que havia acontecido, e ela podia ver a felicidade explicita no meu rosto. Eu estava feliz. Não fazia ideia de até quando eu ficaria assim, mas eu estava feliz.

No momento em que Cornelia foi fazer uma piada, meu celular bipou.

“Quero lhe ver denovo. J.”

O quê eu digo? - Perguntei á ela.

Pede quando, idiota! - Falou ela.

“Quando?”

Antes de termos voltado para a conversa, o celular bipou novamente.

“Não quero que tire conclusões ou se assuste. Mas, você gostaria de vir aqui em casa hoje á tarde? As 14. Pode trazer uma amiga.”

E agora? - Perguntei á Cornelia, que tirou o celular das minhas mãos.

“Claro! Me mande o endereço.”

Após isso, o sinal tocou e já era hora de ir para casa. Fui correndo, pois precisava estar no mínimo apresentável a ele.

Era 13:45 e Cornelia foi até a minha casa para irmos juntos. Não era tão longe, só algumas ruas acima.

Que bom que você veio. - Disse Jeremy, abrindo a porta.

Que bom que você me convidou. - Respondi.

Então... Você está sozinho? - Perguntei. Não interprete mal, é que você me mandou chamar uma amiga...

Meus pais estão viajando, uma amiga minha está aqui comigo, Nicole, venham conhecê-la.

Prazer, Nicole. - Falei. Cornelia havia dito a mesma coisa.

Então, meninas, escolham um filme na sala, Michael, pode me ajudar na cozinha?

Claro que posso. - Falei.

Não sabia dizer qual dos dois estava mais nervoso. Ele derrubava tudo que pegava, e eu tropeçava por tudo.

Calma, Jeremy. Tá tudo bem? - Perguntei.

Tá sim. Você pode levar esses copos até a sala? Já estou indo. - Falou ele.

Eaí, se beijaram? - Perguntou Cornelia

Não... - Respondi.

Como não? Ele quer, Michael. Ah, vou dar uns tapas nele. - Disse Nicole.

Quer saber? Esqueci uma coisa na cozinha, já volto. - Falei.

Elas estavam falando de você. - Falei.

Ah é? Falaram o que? - Perguntou ele.

Ah, nada demais. A Nicole estava me falando de você. - Falei. Ela disse que você estava com medo.

Medo de quê? Ah, vou encher ela de tapas depois. - Falou.

Medo de me beijar. - Falei.

Tudo bem, fui direto e rápido demais, me desculpa... - Falei novamente.

Não, não é isso. Vem cá. - Disse ele, puxando-me para mais perto dele.

Eu podia sentir a respiração dele, a doce e suave respiração dele, aqueles profundos olhos azuis olhando dentro dos meus, sua boca qua-

se encostando na minha, era como se cada veia do meu corpo pulsasse, e então, ele me beijou. Foi como se o mundo em volta tivesse parado. Era... Era algo que eu nunca havia sentido antes. Era amor puro.

Eu só queria que fosse especial, sabe, nosso primeiro beijo. - Completou ele.

E foi. - Falei, abraçando-o.

Venha, vamos para a sala. - Falei novamente.

O resto do dia foi simplesmente mágico. Eu me sentia seguro, eu sentia como se pudesse voar. Sabe quando você é criança e ganha um brinquedo novo? Ou quando você ganha algo que queria, ou quando algo dá certo para você? Uma sensação totalmente diferente de qualquer uma que eu já havia sentido. Mas eu sabia que, se eu me acostumassem, acabaria. Então, era como se eu continuasse com um pé atrás.

As semanas passavam voando. Eu e Jeremy éramos o casal perfeito. Não sabia até quando tudo isso duraria, mas eu sabia que devia aproveitar o máximo que eu pudesse, por que uma hora acabaria, diferente dos contos de fadas, vivíamos na realidade.

Sábado tem essa festa... Podemos ir, se você quiser, claro. - Falei.

De quem? - Perguntou ele.

Marina, minha amiga. - Falei.

Claro, podemos ir sim. - Falou ele.

Tudo bem então. - Falei, vou avisá-la que vamos.

Hoje você vai lá em casa? - Perguntei.

Ah é... Hoje vou conhecer sua mãe e seu padrasto, né? - Perguntou ele, hesitando.

Sim... Mas só se você estiver confortável. - Falei.

Tudo bem, eu consigo. - Disse ele, rindo. Mas acho que eles vão me odiar.

Como? Não é nem possível alguém te odiar. - Falei.

Você fala isso porque é meu namorado. - Falou ele.

Verdade. Mas falo sério! - Falei, rindo.

Jeremy vai jantar com meus pais hoje, e eu sabia que alguma coisa aconteceria. É impossível minha mãe aceitar qualquer namorado meu, duvido que ela vá gostar do Jeremy. - Falei.

Calma, talvez ela goste dele. Nunca se sabe. - Disse Cornelia.

É, talvez. Tenho que ir, quanto mais cedo eu chegar, mais tempo eu tenho para sondar o território. - Falei.

Que território? Você é doente. Tchau. - Disse Cornelia.

Mãe, você lembra que... - Falei.

Que o que? Que o seu namorado vem jantar hoje? Sim, lembro. Ele é alérgico a alguma coisa? - Perguntou ela.

Não, por que? Vai tentar envenená-lo? - Perguntei, rindo.

Não, só queria saber, caso ele não possa comer algo... - Falou ela.

Acho que não é alérgico a nada. - Falei.

Tudo bem. Vou fazer frango. Não se pode errar com frango. Frango é a escolha mais sensata que alguém pode fazer. - Falava ela.

Mãe, calma. Respira. É só um jantar, se você não quiser, tudo bem, posso cancelar com ele... - Falei.

Não, não é isso, só estou ansiosa para conhecê-lo. - Falou ela.

Hm, sei. - Falei.

É sério! - Disse ela.

Tudo bem, não falei nada. - Falei. Vou me arrumar.

Ao som da campainha tocando, desci as escadas. Eu atendo! - Falei, rezando para que fosse o Jeremy.

Oi! - Disse ele.

Jer! Você veio, falei, abraçando-o.

Claro... - Falou ele.

Vamos, vem conhecer minha mãe. - Falei.

Mãe, esse é o Jeremy. - Falei.

Mas que menino lindo! - Falou minha mãe.

Mãe... - Falei.

Obrigado... - Disse ele, totalmente sem jeito. Prazer em conhecê-la, senhorita.

E é educado! Caiu do céu, suponho. - Falou minha mãe.

Haha obrigado! - Falou ele.

Minha mãe tinha razão. Jeremy era perfeito, e eu tinha muita sorte por tê-lo. Mas com a sorte, vem o medo, e vem o azar. Eu tinha medo de perdê-lo, medo de fazer algo errado que me custasse ele, medo de ser eu mesmo e não tê-lo mais.

No jantar, todos já haviam conhecido Jeremy (todos minha mãe, minha avó e meu padrasto), então não tinha mais clima.

Então, Jeremy. Conte-nos, o que seus pais fazem? - Perguntou meu padrasto.

Meu pai é advogado e minha mãe é Chef de um restaurante... - Disse ele.

Vem de uma boa família! Bom isso, muito bom. - Falou ele novamente.

Enquanto meu padrasto, John, pensava em dizer alguma coisa a mais, eu já havia chutado-o por de baixo da mesa.

Você já sabe o que quer fazer de faculdade? - Perguntou minha mãe.

Penso em Jornalismo, igual o Michael, temos isso em comum, na verdade, temos muito em comum. - Disse ele.

Tipo? - Perguntou ela.

Tipo está na hora de você trazer a sobremesa! Chega de conversa sobre futuro e pais e coisas em comum. - Falei.

Meus pais estavam tentando a velha tática de encurralar no jantar. Mas não ia funcionar, eu não deixaria isso acontecer. Eles estavam tentando estragar o meu primeiro relacionamento duradouro.

No dia seguinte, Cornelia estava a postos pronta para os detalhes.

Conte-me tudo, esconda-me nada. - Disse ela.

Além do fato dos meus pais terem tentado arrancar algum podre dele durante o jantar todo, ocorreu tudo bem. - Falei.

Como assim? - Perguntou ela.

Ah, estou exausto para explicar, mas eles passaram o jantar todo fazendo perguntas e mais perguntas. - Falei.

Agora, chega disso. Hoje é sexta, o que significa que amanhã é sábado, e amanhã tem a festa da Marina! Todos vão, certo? - Perguntei.

Sim, todos vamos. - Falou Cornelia.

Precisa levar bebida, não tenho como comprar, compra por mim e pelo Jer, Cor? Fico te devendo essa, beijo, te amo e estou indo antes que você me diga não. - Falei.

Compro, pode deixar. - Disse ela, sozinha.

Vou resumir os próximos dias. Na verdade, vou encher linguiça, não sei o que escrever, meu bloqueio está sendo maior do que eu esperava e eu simplesmente não consigo voltar a escrever a história. Queria que fosse simples, como pegar o lápis e pronto. Não consigo racionar, minha mente estava completamente bloqueada e não tinha nada que eu podia fazer. Era como se tudo conspirasse ao contrário, negativo. Ah, e eu estava exausto.

No dia seguinte, que era sábado, estava um pouco frio de manhã, mas aquele frio agradável, não aquele tipo de frio que você tem vontade de morrer de baixo das cobertas, aquele tipo de frio que te motiva a sair da cama. E foi assim, que eu acabei saindo da cama, que eu acabei indo pegar a correspondência, e vi que tinha carta nova do Joshua.

“Michael, desculpe não ter escrito antes para você. Tem sido corrido por aqui, não sei como as coisas estão aí, mas por aqui, eu não posso me acomodar, a S.W.A.T estava na minha cola a alguns dias atrás, consegui despistá-los e fugi para Londres, sim, meu caro amigo, estou em Londres. A experiência que eu vivi, fugindo, roubando e sobrevivendo com um olho nas costas tem sido tudo o que eu sempre sonhei, claro que, eventualmente, uma hora vou ter que parar, fazer algumas plásticas e voltar. Hahahah, estou brincando, ainda tenho muito o que fazer antes de pensar em parar. Você deve estar se perguntando o motivo de eu ter escrito para você, de novo, e depois de tanto tempo. Eu sei que por aí não deve estar nada fácil, principalmente para você, e é por isso que eu gostaria de te convidar para se juntar a mim. Venha, Michael, fuja! Vamos, o que melhor você teria pra fazer? Escola? Família? Ah, você precisa disso. Vou ficar nesse mesmo endereço por tempo o suficiente para você me escrever de volta, e depois, dependendo da sua resposta (Me responda, seja ela qual for), me mudar. Se cuida, Michael. Abraços, Joshua.”

Fugir. Pareceu propício fugir da minha vida e ir para uma clínica psiquiátrica, mas fugir para outro país? Outro continente? Parecia tentador, mas eu estava aconchegado demais para fugir... Ao menos vou respondê-lo.

“Meu caro amigo Joshua, as coisas por aqui não são as mesmas sem você, como você mesmo deve saber. Mas a verdade é que, eu estou acon-

chegado, finalmente tenho um namorado, um “motivo” para ficar. Estou aconchegado demais para fugir, meu amigo, quem sabe, dependendo de quanto tempo você continuar fugindo, eu não aceite seu convite? Mas agora, apenas não parece propício... No momento não. Mas, não sinta-se rejeitado, estou tentado a ir, estou quase impedindo a mim mesmo de mandar esta carta e na verdade fazer as malas... Hahaha, mas chega de fugir, pelo menos, agora, tenho que ficar e lidar com a verdade. Mas continue me escrevendo, é emocionante ler o que você me envia, suas cartas são sempre as melhores, me escreva mais, me conte mais detalhes, aposto que você pode reservar um tempinho do seu dia para escrever alguma coisa que você tenha feito. Se cuide, meu amigo, e não seja pego! Abraços, Michael.”

Estava escrevendo? - Perguntou minha mãe.

O que? Ah, isso, é só dever de casa. Estou adiantando, já que á noite tem a festa e tudo mais... - Respondi. Pensei que “estou respondendo a carta do meu amigo fugitivo” não cairia bem no café da manhã.

Logo já era de tarde, e a noite tinha a festa da Marina. Não sei por que estou fazendo um grande caso dela, é só mais uma festa, a diferença é que eu ajudei a convidar algumas pessoas e ela é uma das minhas melhores amigas, mas, que seja... Só mais uma festa. Ah, não. Desta vez eu terei que me comportar, caso contrário... É. Me comportar. Focar no Jeremy e no nosso relacionamento.



CAPÍTULO 9: O ANIVERSÁRIO

Alô. - Disse uma voz.

Ei, sou eu. - Falei.

Ah, oi amor. - Falou a voz novamente, era Jeremy.

Então, estou indo lá para a Marina mais cedo, a pedido dela. - Falei.

Achei que íamos juntos, mas sem problemas, vejo você lá. - Falou ele, desligando.

De fato, ela tinha pedido para mim ir para lá mais cedo, mas ela também tinha dito para mim levar Jeremy comigo, mais cedo. A realidade era que eu estava sufocando. Meu relacionamento estava basicamente na rotina, eu parecia um velho de 75 anos com um casamento de 50. Foi como eu disse ao Joshua, eu estava aconchegado. Acomodado. Será isso a rotina de casais que alguns falavam que eventualmente todos caíam? Eu, obviamente, não queria me sentir assim, mas era inevitável. Só de pensar em mim e no Jeremy, meu estômago dava voltas. Isso não era bom. Não mesmo, e tinha a festa. E todos sabem que eu não lido bem com festas, e com álcool, e com namoros. Ah, merda...

Á Marina! - Gritou Toledo, virando uma dose de tequila.

Á Marina. - Falei, baixo, virando a mesma dose. Igual todos que estavam ali.

Vem, sobe comigo me ajudar com a batida. - Disse ela.

Tudo bem. Vem, Mandi, vem ajudar. - Falei.

Sim, estou indo. Afinal, batida é nossa especialidade. - Disse ela.

Pois é. - Falei, rindo.

Fizemos batida de morango, era por volta de 22:00, o que dava 1 hora até as pessoas começarem a chegar mesmo.

Vem, Mike, vamos fumar. - Falou Mandi.

Vamos. - Assenti.

Descemos os degraus que tinha ali do lado, que davam para um corredor de carros. Ficamos por ali.

Então, conte-me, como está você e o Jer? - Perguntou ela.

Ah, você sabe... Na verdade, nem eu sei. Está tudo uma bagunça, Mandi, eu não queria me sentir assim, me sinto preso, não queria, mas me sinto, e não consigo evitar, é como vômito quando sobe pela garganta, tá, essa referência não foi nada elegante, mas você entendeu.

Entendi... Você não quer mais, é isso? - Perguntou ela.

Honestamente? Não consigo responder essa pergunta. Parte de mim quer, parte de mim não quer, digo, olhe para ele. Ele é a minha sanidade, ele me traz a paz que eu preciso parar dormir á noite, a voz que ecoa para mim... Mas eu preciso de algo a mais. Estou cego, sim, agora, me sinto cego, sinto que preciso me encontrar, e não vai ser com ele que eu vou conseguir... O problema é dizer. - Falei.

O problema é como terminar? - Perguntou ela.

Não... Ah, sei lá. Vou conversar com ele mais tarde, depois, fazer fluir naturalmente, uma coisa levar a outra... Sem culpa, sem nada. - Falei.

Relaxa, Mike. Vamos curtir a festa, logo as pessoas vão começar a chegar. - Falou Mandi. Vem.

Isso, vamos. Vá na frente, já entro. - Falei.

Eu precisava de alguns minutos sozinho, para refletir. Refletir sobre o que eu faria hoje a noite. Era complicado demais para mim. Para a cabeça de uma criança. Era um daqueles momentos em que eu precisava de alguém para falar por mim, me sinto péssimo. E a noite só tinha começado. Mas tudo bem. Eu enfrentaria isso.

As pessoas haviam começado a chegar, cada um trazendo algum tipo de bebida. A festa havia começado. Logo Jeremy chegaria.

Feliz aniversário, amiga! - Disse Joanna, com uma garrafa de Martini.



Obrigada! Vai lá com os outros! - Falou Marina, na entrada.

O que você tá fazendo aqui? Vamos lá curtir a festa com os outros. - Falou ela.

Vai você, vou continuar aqui mais um pouco. - Falei.

O que houve? - Perguntou ela.

Vou terminar com o Jeremy, só não sei como fazer isso. Ainda. - Falei.

Ah... - Falou ela, surpresa. Bom, não esquenta a cabeça, e depois me procura! Beijinhos. Disse ela.

Onde você está? Achei que viria cedo. - Falei, no telefone.

Estou chegando. - Falou ele.

Estou na porta te esperando. - Falei.

Tudo bem. - Falou ele, desligando.

Oi Jer. - Falei.

Amor! - Disse ele.

Precisamos conversar. - Falei.

Diga, diga. - Disse ele.

Bom, não é fácil falar esse tipo de coisa, não é o tipo de coisa que simplesmente sai. Quero, antes de tudo, que você saiba que eu te amo, e que o tempo que passamos juntos foi ótimo, tudo foi ótimo, você é ótimo. Eu sei que parece uma desculpa esfarrapada, mas não é. Não é você, sou eu. - Falei.

Eu não entendo... Estava tudo bem até horas atrás... - Disse ele.

Não, Jer. As coisas entre nós não estavam bem já tem uns dias, e você sabe disso. - Falei.

Bem, as coisas estavam um pouco frias, sim, mas e daí? Achei que passaria. - Falou ele.

Desculpa. Eu te mando as coisas que tu deixou lá em casa essa semana... - Falei.

Não. Guarde, apenas no caso... Guarde. - Falou ele.

Tudo bem. Amigos? - Perguntei.

Amigos. - Disse ele. Vamos curtir a festa então.

Como foi? - Perguntou Mandi, um tempo depois.

Tudo tranquilo, terminamos como amigos. - Falei.

Tem certeza disso? - Disse ela, apontando o dedo para o outro lado da sala.

Jeremy estava causando uma cena.

Então, como vocês podem ver, eu não sou bom o suficiente. - Disse ele, bêbado.

Jeremy, desça daí... - Falei.

Não! Você não tem mais o direito de me dizer o que fazer, você perdeu esse direito quando não me quis mais. - Falou ele.

Tudo bem. Faça como quiser. Envergonhe-se na frente de todo mundo. - Falei.

Ah-a-ha-ha, engraçadinho, sempre querendo ter a última palavra em tudo. Sabe, é uma das coisas que eu não gostava em você. Ops, falei! - Disse ele.

Tudo bem, você está bêbado e acabamos de terminar, quer descer pela rua das coisas que um não gostava no outro? Mas já? - Perguntei.

Apenas aproveitando a festa como amigos. Não era isso que você queria? - Perguntou ele.

Tá certo. - Falei, saindo.

Durante boa parte da festa, observei Jeremy. Observei o quanto ele tentava chamar minha atenção, observei o quanto ele havia bebido e observei o que isso causava. Ele tropeçava nas coisas, se batia nas pessoas, e eu sabia que isso não iria acabar bem. Mas por que eu deveria me importar, né? Cada um cuida do seu nariz. Pensei comigo mesmo em ir ajudá-lo algumas vezes, mas meu orgulho falou mais alto, graças a Deus, vendo por esse lado.

Michael, vem, vem curtir com nós. - Falou Marina. Beba.

Era isso que eu precisava. Beber e ficar bêbado, muito bêbado. Bêbado a ponto de tirar a roupa e sair correndo. Bêbado a ponto de causar uma cena épica.

Devia ser por volta da 01:00 da manhã quando Jeremy começou a dar vexame, dessa vez, eu não havia chegado a tempo.

Alguém tem que tomar conta daquele cara alí antes que ele tome um soco. Só avisando. - Disse um dos caras que estava no canto.

Ele fez algo pra vocês? - Perguntei.

Ele fica passando a mão em nós, cara, isso não é legal, existe o respeito, mas tem que ser mútuo, vou ter que aguentar agora ele passando a mão em mim e não fazer nada só pra não ser considerado homofóbico? Acho que não. - Disse ele.

Ei, calma. Ele não vai mais incomodar. - Falei, arrastando o corpo semi-vivo dele para um quarto.

Qual é o seu problema, Jeremy? Pra quê tudo isso? - Perguntei.

Eu te amo, Michael, por que você terminou comigo? Nós éramos o casal perfeito, tínhamos tudo, destinados a nos apaixonar, e foi isso que nosso amor foi? Trágico? - Perguntava ele, em lágrimas.

Calma... - Falei, sem saber o que falar.

Eu não sabia o que fazer ou falar. Meu recente ex-namorado bêbado estava em lágrimas praticamente implorando para que eu voltasse com ele e tudo o que eu queria fazer era sair dali. Ir para outro lugar. Ir para outro lugar... Era isso! Já sei exatamente o que eu preciso para me resgatar de mim mesmo. Joshua. Preciso envia-lo uma carta. Vou aproveitar que o Jeremy dormiu e escrever aqui mesmo antes que eu mude de ideia.

“Caro Joshua, não sei se você ainda está nesse endereço, estou mandando ao endereço da sua última carta, de 12 dias atrás. Resolvi que vou aceitar sua proposta, estou indo aí, vamos fugir da lei, vamos... Não sei, só sei que quero ir. Me responda o quanto antes possível.”

Depois de escrever, guardei no bolso, deixei o Jeremy ali e fui para a festa.

Decidi o que eu tenho que fazer para me resgatar, Mandi. - Falei.

Ah é? Diga-me. - Disse ela.

Vou fugir, vou encontrar o Joshua, vou fugir com ele. Vou fugir da lei, vou fugir de qualquer um que não seja eu mesmo, pela primeira vez. - Falei.

Você é maluco. - Disse ela.

Eu sei disso. - Falei.

Você está bêbado. - Disse ela novamente.

Eu sei disso também. Falei, rindo.

Á mim. Ao novo eu. - Falei, erguendo um copo cheio de alguma coisa que eu não fazia ideia do que era.

Os próximos dias custavam a passar. Eu ansiava por uma resposta de Joshua enquanto me preparava para ir com ou sem o consentimento dele. Eu disse para minha mãe que iria viajar, que eu precisava disso. Ela não sabia que eu estava indo encontrar meu amigo foragido, mas eu estava. E isso me faria um foragido também. Enquanto eu ansiava por uma resposta, eu arrumava tudo que eu precisava. Dinheiro, pasaporte, malas, rota de viagem, passagens, hospedagem, tudo.

Era uma manhã de sábado como outra qualquer, eu levantei, como de costume, fui buscar a correspondência enquanto minha mãe fazia o café, revirei pela correspondência para ver se eu achava algo. Lá estava. Ele havia me respondido de volta.

“Estarei nesse endereço até dia 25, consegue me achar? - Joshua.”

E sem pensar duas vezes, fiz as malas e decidi que era hora de ir. Me despedi da minha família, e no sábado de madrugada já estava em um avião que pousaria em Londres perto do meio dia.

Quando cheguei, primeiro me hospedei em um hotel, bom, eu tinha dinheiro o suficiente para isso. Me preparei e então chamei um taxi, para o qual entreguei um pedaço de papel com o atual endereço de Joshua.

Quando desci do taxi, era uma casa, de dois andares, bem decorada e pintada na frente, no Brasil considerada uma ótima casa, em Londres garanto que não muito. E então bati na porta.

Você veio mesmo... Não acredito! - Dizia Joshua, me abraçando.
Senti sua falta também, amigão. - Falei.

CAPÍTULO 10: O ROUBO

A vida com Joshua era corrida. Não era o tipo de viagem que eu esperava, era um pouco mais corrido que aqueles ônibus de turismo, mas era ótimo. Digo, era o que eu queria! Fugir dos federais, não poder ficar por muito tempo num lugar, era ótimo. Eu me sentia em um filme de perseguição, sempre tendo que olhar pelo meu ombro, usando identidade falsa, vendo o meu retrato nas televisões, caramba! Eu estava vivo, eu me sentia vivo.

Então... Talvez não seja uma boa hora para mim te dizer isso mas estou orquestrando outro roubo. - Disse ele.

O quê? Quando? Onde? - Perguntei, surpreso.

Vamos assaltar o banco central de Londres, levar alguns milhões e avisar a S.W.A.T que eu ainda estou por aí. - Disse ele.

Meu Deus! Você tem certeza de que consegue? - Perguntei. Era muita emoção para mim digerir, digo, era por isso que eu havia ido encontrá-lo, me sentir vivo.

Você realmente está me perguntando isso? - Disse ele, rindo.

Claro... Pergunta idiota. - Falei. Quando?

Daqui 3 dias. - Disse ele. E depois vamos para a Espanha, preparado? - Perguntou ele.

Sim! Digo, mil vezes sim! Meu Deus, ahahah desculpe, estou muito emocionado para me conter, é emoção demais para mim. - Falei.

Controle-se na homossexualidade, Mike. - Disse ele, rindo. Brincadeira.

Ei! - Falei, rindo.

Passamos os últimos dias em Londres visitando, íamos de museu em museu, sempre roubando alguma coisa. Visitamos tudo quanto era lugar, tirei fotos, várias fotos, muitas fotos, Londres, meu Deus, eu estava em Londres! E eu estava prestes a roubar um banco, meu Deus! Eu mal conseguia me conter.

Então, nós entramos pela porta da frente e ateamos fogo. - Disse Joshua. Vou te dar uma bazuca, e você entra atirando. Entendeu, Mike?

Entendi. Entrar. Atear fogo. Simples. - Falei.

Depois, vamos até o gerente e ordenamos ele a abrir o cofre. Tere-mos cerca de 10 minutos para pegar o dinheiro e sair sem sermos presos. Vou levar alguns sacos, você enche de dinheiro enquanto eu vigio para ninguém chamar a polícia. Dito isso, lá fora, terá um caminhão nos esperando, para colocarmos os sacos de dinheiro e fugir. Entendeu tudo? Nada pode dar errado.

Entendi tudo. - Falei.

Era amanhã, o grande dia. O dia do roubo. Eu mal conseguia dormir, eu só me revirava na cama, de um lado para o outro.

Durma, você precisa de energias para amanhã. - Disse Joshua, que notou minha ansiedade.

Eu terei energias, mas estou muito elétrico para dormir. Não podemos fazer alguma coisa? Ir beber ou algo do tipo? - Perguntei.

Fique aqui, vou ali em baixo comprar uns vinhos. - Disse ele.

Oba! Tá certo, ficarei aqui. - Falei.

O lugar onde estávamos não era ruim, tinha 3 quartos, uma grande sala com uma sacada que tinha uma bela vista de Londres, claro que eu, turistando, tirei fotos. Joshua até me alertou que talvez algumas das minhas fotos teriam de ser apagadas, falei que esconderia a câmera dele caso ele tentasse. Ri só de lembrar.

Aqui. Beba. - Disse ele. É um dos melhores vinhos da região.

Acho que a ideia de Joshua era que eu bebesse o suficiente para dormir. Funcionou. Eu havia dormido antes mesmo da terceira taça.

Acordei, num pulo, com medo de ter perdido a hora.

Calma! Bom dia. - Dizia o Joshua, da sacada.

Que horas são? Quanto tempo eu dormi? - Perguntei.

É cedo, e você dormiu pouco. Ia deixar você dormir mais antes de lhe acordar. - Falou ele.

Tá maluco? E se eu perdesse a hora? E se eu perdesse o roubo? - Perguntei.

Você não ia perder o roubo. - Falou ele.

Certo. - Falei. Vou tomar banho.

A água do chuveiro era quente e confortante, era como se ela tirasse todo o peso das minhas costas, tanta coisa que eu guardei numa caixinha, tanta coisa que eu disse á mim mesmo que iria lidar com elas mais tarde, ah, tanta coisa... E tem o Jeremy, espero que ele tenha me superado, pensei comigo mesmo. Não quero trazer sofrimento á ninguém. E minha mãe, céus, minha mãe deve estar morta de preocupação, digo, passei de turista para fugitivo em 2 segundos. Ri quando tive a noção de como isso havia soado.

Após o banho, me vesti e me aprontei para o grande roubo. Eu me sentia em um filme, era uma sensação que ninguém conseguia tirar de mim, nem mesmo se tentasse, eu me sentia vivo, como nunca havia me sentido antes. Era ótimo.

Está pronto? - Perguntou Joshua.

Estou. Vamos fazer isso. - Falei, pegando a bazuca que ele havia me dado.

A partir de agora, até a última linha, os acontecimentos vão ser narrados. Não sei como lidar com ficção, levando em conta que até agora o livro foi baseado em fatos reais, e no começo, eu alertei a todos que essa não seria uma história de ficção, mas a realidade é que isso poderia ter acontecido, em outra vida talvez?

Quando chegamos no banco, Joshua fez o sinal que precisava fazer á mim, que indicava que eu tinha que descer do caminhão, entrar pela porta da frente do banco e atear fogo. Foi o que eu fiz. Comecei a atirar para todos os lados, e ali, naquele momento, eu me senti mais vivo do que nunca. Senti como se eu tivesse o controle de tudo, e de que nada pudesse me parar ou me destruir. O que é totalmente irônico

considerando o fato de que eu provavelmente estava tirando a vida de algumas pessoas naquele momento, mas deu pra entender.

Fizemos mais de 100 pessoas de reféns, pois os 10 minutos não foram o suficiente, a polícia cercou o prédio, mas conseguimos fugir. Ah, se conseguimos. Fugimos pelo teto, que era de vidro, quebramos e saímos voando. Como? Não pergunte. Eu quase não consegui, mas Joshua não me deixaria para trás, nem se quisesse, pelo menos é o que eu acho.

Duas semanas depois do acontecido, uma nova notícia tomava conta dos jornais nacionais e internacionais: um dos foragidos havia sido preso. Era Joshua. A pergunta que não saía da cabeça de ninguém era onde estaria Michael Ridders. Semanas de buscas foram feitas, investigações, a família de Michael contratou um dos melhores detetives internacionais para procurar o filho que, caso achado, não seria mandado para uma prisão, mas sim de volta para a clínica.

Existe alguém que fosse uma ameaça para o seu filho? Ele alguma vez lhe falou algo sobre qualquer pessoa? A senhora sabe de alguém que gostaria de vê-lo morto? – Perguntava o policial.

Nada que eu saiba, ele nunca foi de me contar as coisas. Talvez isso passava pela cabeça de Michael, sabe, talvez ele soubesse que ele iria voltar para a clínica quando fosse encontrado e por isso fugiu. – Disse a mãe do garoto aos policiais.

Então podemos dar ele como foragido? – Perguntou ele.

Não podemos descartar as outras opções, mas sinto que sim. O que vale agora é encontrá-lo. – Disse ela novamente.

Era tarde da noite, e Cornelia, Anne e Joan estavam dormindo juntas, na casa de Anne. Parecia que uma grande tempestade estava por vir, e elas estavam bebendo.

Vocês já pararam pra pensar que estamos perto das aulas acabarem? Último ano está quase aí, meninas. – Disse Anne.

Por chegarmos ao último ano. – Disse Cornelia, levantando o copo.

Nem todos nós conseguimos. – Disse Joan.

Joan... Ainda tem esperança! Ninguém sabe o que realmente aconteceu. – Disse Cornelia.

Ao Mike. – Disse Joan, erguendo seu copo.

Ao Mike. As duas repetiram.

As três adormeceram e Joan se acordou quando ouviu uma batida na porta. Ela abriu e não havia nada ali, exceto por uma caixa.

Ei, meninas, acordem! Me ajudem a trazer isso para dentro. – Disse ela.

Calma... Repita. O que é isso? – Disse Cornelia, tonta.

Minha cabeça... – Disse Anne.

Gente, é sério. Ajudem! Vocês não leram o que está escrito na caixa? – Disse Joan.

“Abra. Ou comece a rezar pela vida de seu amigo.”

Rapidamente, as três levaram a caixa de madeira para dentro, colocaram no centro da sala e abriram ela. A caixa estava vazia. Ou quase isso. Tinha um pequeno envelope colado na tampa. Dentro, tinha um pen drive com um bilhete, “Assista-me”.

Pega teu notebook, Anne. – Disse Joan.

Elas conectaram o pen drive no computador, e um vídeo se abriu. No começo, estava tudo escuro, não dava para ver nada, e então uma luz se acendeu e iluminou um canto do lugar onde gravaram o vídeo. Tinha uma pessoa amarrada e desmaiada.

Ah meu Deus... – Disse Anne.

Catálogo de livros editados

1	Picanhas 2ª Ed	Livro	Araldi, H
2	Cerrito do Ouro à Coxilha	E-book	Ayres, O
4	Cerrito do Ouro à Coxilha	Livro	Ayres, O
5	A Atlantida	E-book	Bastos, G
6	Da mocidade a velhice	E-book	Bastos, G
7	Conversa entre educadoras -do dia-a-dia à utopia	E-book	Bodah, E
8	Conversa entre educadoras -do dia-a-dia à utopia	Livro	Bodah, E
9	Conversa entre educadores -Novos Diálogos	Livro	Bodah, E
11	Conversa entre educadores -Novos Diálogos	E-book	Bodah, E
12	Receitas Vegetarianas	E-book	Bodah, E
15	A cuidadora	E-book	Both, A
16	A noite	E-book	Both, A
17	A solidão e o santo	E-book	Both, A
18	Clube Juvenil -100 anos de conquistas	E-book	Both, A
19	Conversas sobre a terceira idade	E-book	Both, A
20	Criação da Universidade de Passo Fundo	E-book	Both, A

21	Diocese de Passo Fundo -50 anos	E-book	Both, A
22	Dom Claudio -Pastor e Cidadão	E-book	Both, A
23	Frutos de Inverno	E-book	Both, A
24	Linha Divisa	E-book	Both, A
25	Meditações Breves	E-book	Both, A
35	O procurador	E-book	Both, A
36	Os cavalos de São Marcos	E-book	Both, A
37	Para além de um Contrato Amoroso	E-book	Both, A
38	Para onde vão nossas casas	E-book	Both, A
39	Pedagogia seminarística -Certezas e Conflitos	E-book	Both, A
40	Bem-Me-Quer -Versos Desfolhados	E-book	Camargo, H
41	Cântaros de Junco	E-book	Camargo, H
42	Fulgores, Dores e Amores -Respingos de uma travessia	E-book	Camargo, H
43	Gorgeios e Revoadas -Versos ao léu	E-book	Camargo, H
44	Matizes do Entardecer	E-book	Camargo, H
45	Monólogos de uma peregrina -reflexões poéticas	E-book	Camargo, H
46	Paredes Nuas	E-book	Camargo, H
47	Radiografia das Emoções	E-book	Camargo, H
48	Radiografia das Emoções	Livro	Camargo, H
49	Sol Encoberto	E-book	Camargo, H
50	Sonho, Seiva, Semente	E-book	Camargo, H
51	Violetas da Paixão	E-book	Camargo, H
52	Música e educação-o contrabaixo e a bossa -Uma perspectiva histórica e prática	E-book	Cararo, G
53	Música e educação-o contrabaixo e a bossa -Uma perspectiva histórica e prática	Livro	Carraro, G

54	A ciência como ela é...	E-book	Cunha, G
55	Cientistas no divã	E-book	Cunha, G
56	Galileu é meu pesadelo	E-book	Cunha, G
57	90 anos de Fé e Trabalho -Paróquia Cristo Rei de Marau - 1920-2010	E-book	Dalcim, I
58	Fascínio e Mistério nas Ruínas das Missões	E-book	Dalcim, I
59	Viagem ao Centro e Nordeste do Brasil	E-book	Dalcim, I
60	Viagem ao Extremo Sul da América	E-book	Dalcim, I
61	Viagem às Reduções-Missões Jesuítico-Guaranis do Paraguai	E-book	Dalcim, I
62	Viagem pelo oeste do Brasil	E-book	Dalcim, I
63	Viagem rumo ao deserto de Atacama	E-book	Dalcim, I
64	Juvenildade	E-book	Damian, G
65	Eleições em Passo Fundo	Livro	Damian, M
66	Enciclopédia do Futebol Gaúcho	Livro	Damian, M
67	Futebol de Passo Fundo -Contribuição à sua história	E-book	Damian, M
68	O mais querido da cidade -A história do Sport Club Gaúcho	E-book	Damian, M
69	Emoções	E-book	Dinarte, C
70	Emoções	Livro	Dinarte, C
71	Nós, entre o Céu e a Terra	E-book	Dinarte, C
72	Permitam-me Sonhar	E-book	Dinarte, C
73	Poesia -Um Passe de Mágica	E-book	Dinarte, C
74	Brevidades	Livro	Du Bois, P
75	Brevidades	E-book	Du Bois, P
76	Via Rápida	E-book	Du Bois, P
77	Via Rápida	Livro	Du Bois, P

78	Micos & Microfones -Relatos humorados sobre rádio e televisão	E-book	Fernandes, H
79	Micos e Microfones -Relatos humorados sobre rádio e televisão	Livro	Fernandes, H
80	Alimentação fisiológica da criança	E-book	Fonseca, V
81	Cronologia do Ensino em Passo Fundo	E-book	Gehm, D
82	Genealogia -Telmo e Margarete Gosch	E-book	Gosch, T
83	Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses	E-book	Machado, A
84	Crepúsculo Vazio -Novas redondilhas e versos crioulos	E-book	Machado, A
85	Nascentur poetae	E-book	Machado, A
86	Pântano Florido -Redondilhas	E-book	Machado, A
87	Safra Amarga -Versos de arte-menor	E-book	Machado, A
88	Vozes da Querência -Subsídios para o estudo do linguajar regional Sul-riograndense	E-book	Machado, A
89	A Campanha da Legalidade em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
90	A trova no Espírito Santo	E-book	Monteiro, P
91	A trova no espírito santo -história e antologia	E-book	Monteiro, P
92	Combates da revolução federalista em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
93	eu resisti também cantando	Livro	Monteiro, P
94	eu resisti também cantando	E-book	Monteiro, P
95	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	E-book	Monteiro, P
96	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	Livro	Monteiro, P

97	A história da comunidade paroquial de São Judas Tadeu da Vila Luiza	E-book	Nascimento, W
98	A Pregação dos Tradicionalistas	E-book	Nascimento, W
99	Academia de bocha amigos do marcondes -um estilo de vida	E-book	Nascimento, W
100	As Ruas de Passo Fundo do Século XIX	E-book	Nascimento, W
101	Casamento -compromisso a longo prazo	E-book	Nascimento, W
102	Conheça Passo Fundo, Tchê!	E-book	Nascimento, W
103	Construindo Passo Fundo 1857-2007	DVD	Nascimento, W
104	De Capela a Catedral	E-book	Nascimento, W
105	Dona Heloisa -Memórias	E-book	Nascimento, W
106	Dona Heloisa -Memórias	Livro	Nascimento, W
107	Maragatos e Pica-Paus -por que brigavam tanto	E-book	Nascimento, W
108	Perfil da Academia PFundense Letras	E-book	Nascimento, W
109	Sonhos vicentinos -apontamentos para a história da sociedade de São vicente de Paulo de Passo Fundo	E-book	Nascimento, W
110	Terra, Gente e Tradições Gaúchas	E-book	Nascimento, W
111	Viaje no tempo -um resgate fotográfico de Palmeira das Missões	E-book	Nascimento, W
112	Vultos da História de Passo Fundo	Livro	Nascimento, W
113	Vultos da História de Passo Fundo 1ª ed	E-book	Nascimento, W
114	Vultos da história de Passo Fundo -2ª Edição Ampliada	E-book	Nascimento, W
115	À esquerda	Livro	Noal, H

116	À esquerda	E-book	Noal, H
117	Meninos do Crack	Livro	Nonemacker, A
118	Fúnebre cortejo & outras histórias	F-book	Nunes, L
119	Fúnebre cortejo & outras histórias	Livro	Nunes, L
120	A bolsa da minha mãe e outros contos	E-book	Perez, J
121	A bolsa da minha mãe e outros contos	Livro	Perez, J
122	Fugaz Idade	Livro	Perez, J
123	Coletânea de Poemas 2011	Livro	Projeto
124	Coletânea de Poemas 2011	E-book	Projeto
125	Contos SCI-FI -Além da imaginação	E-book	Scofield, V
126	Genius -O relógio do tempo	E-book	Scofield, V
127	Genius -origem	Livro	Scofield, V
128	Gênus -Origem	E-book	Scofield, V
129	SCI-FI -Tales beyond imagining	E-book	Scofield, V
130	15 dia que abalaram Passo Fundo	Livro	Tasca, I
131	15 dias que abalaram Passo Fundo	E-book	Tasca, I
132	Crônica sobre uma querência hospitaleira	Livro	Tasca, I
133	Canção da liberdade	E-book	Valle, J
134	Cânticos do amor à vida	E-book	Zauza, G
135	Divá, lágrimas e libertação	E-book	Zauza, G
136	Energia psíquica e psicoterapia objetiva	E-book	Zauza, G
137	Solidão e dor	E-book	Zauza, G



Nascido em 23 de
Novembro de 1996,
natural de Passo Fundo
com a sua primeira
publicação no livro
"O Imortal Moacyr
Scliar" em 2º lugar na
categoria Resenha,
o carro-chefe de
Marcelo Lima:
"Fora de vista,
fora da mente".

FORA DE VISTA, FORA DA MENTE

Apertem os cintos, pois Fora de vista, fora da mente vai te levar à outro lugar. Dizem que o amor pode matar. Michael provou que não. Internado em uma clínica, Michael Ridders precisa tomar decisões difíceis e se acostumar com o que acontece à sua volta. Com o apoio de algumas, repito, algumas pessoas, Michael tenta passar por tempos difíceis. Quando uma série de acontecimentos interferem na recuperação de Michael, as coisas começam a ficar mais intensas e, de certa forma, sombrias. O destino de Michael é uma incógnita.

Tem apenas um tanto que você consegue agüentar, a questão é: Quanto? Como você consegue continuar quando as piores coisas estão acontecendo em volta de você? O que você precisa mudar para sobreviver? Quem você precisa se tornar?

E isso é apenas o começo.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

ISBN 978-858326032-5



9

788583

260325